



**VENI CREATOR CHRISTIAN UNIVERSITY  
MASTER'S DEGREE IN EDUCATION SCIENCES**

**JOSEFA OCIONE CLEMENTINO**

**INTELIGÊNCIA EMOCIONAL UMA ANÁLISE COM DOCENTES DO ENSINO  
MÉDIO DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL JOSÉ LUIZ DE MENDONÇA NA  
CIDADE DE GRAVATÁ-PE**

*EMOTIONAL INTELLIGENCE AN ANALYSIS WITH HIGH SCHOOL TEACHERS  
FROM THE JOSÉ LUIZ DE MENDONÇA STATE TECHNICAL SCHOOL IN THE  
CITY OF GRAVATÁ-PE*

**ORLANDO-FL-USA  
2021**

**JOSEFA OCIONE CLEMENTINO**

**INTELIGÊNCIA EMOCIONAL UMA ANÁLISE COM DOCENTES DO ENSINO  
MÉDIO DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL JOSÉ LUIZ DE MENDONÇA NA  
CIDADE DE GRAVATÁ-PE**

*EMOTIONAL INTELLIGENCE AN ANALYSIS WITH HIGH SCHOOL TEACHERS  
FROM THE JOSÉ LUIZ DE MENDONÇA STATE TECHNICAL SCHOOL IN THE  
CITY OF GRAVATÁ-PE*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação da Veni Creator Christian University, como parte dos requisitos para obtenção do título de Master in Education Sciences.

**Orientadora:** Profa. Dra. Jayra Dantas de Souza.

**ORLANDO-FL-USA  
2021**

**International Cataloging-in-Publication Data  
Library - VCCU**

J83p      Ocione Clementino, Josefa

Emotional intelligence an analysis with high school teachers from the José Luiz de Mendonça State Technical School in the city of Gravatá-PE / Josefa Ocione Clementino. – Flórida-USA: Veni Creator Christian University - VCCU, 2021.

79f.

Master in Education Sciences - Veni Creator Christian University - VCCU, Florida-USA, 2021.

Advisor: Jayra Dantas de Souza, PhD

1. Emotional intelligence. 2. High school. 3. Teacher. I. Title.

CDU 370=(134.3)

**JOSEFA OCIONE CLEMENTINO**

**INTELIGÊNCIA EMOCIONAL UMA ANÁLISE COM DOCENTES DO ENSINO  
MÉDIO DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL JOSÉ LUIZ DE MENDONÇA NA  
CIDADE DE GRAVATÁ-PE**

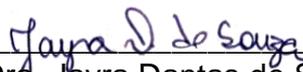
*PHYSICAL EDUCATION IN THE CURRICULUM OF THE STATE OF  
PERNAMBUCO: OPERATIONALIZATION OF ELEMENTARY SCHOOL II (FINAL  
YEARS) IN MUNICIPAL SCHOOLS OF CARUARU-PE*

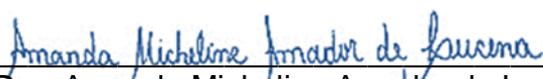
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação da Veni Creator Christian University, como parte dos requisitos para obtenção do título de Master in Education Sciences.

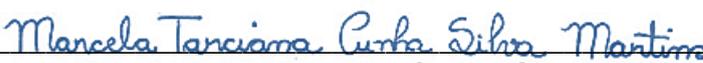
**Orientadora:** Profa. Dra. Jayra Dantas de Souza.

Aprovada em: 17/12/2021.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Jayra Dantas de Souza  
Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Amanda Micheline Amador de Lucena  
Professora Examinadora 1

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Marcela Tarciana Cunha Silva Martins  
Professora Examinadora 2

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Robson Cesar Albuquerque

## Dedico

A Deus primeiramente que me concedeu esta oportunidade de crescer e vencer na vida.

Aos educadores que são comprometidos em transmitir valores e sabedoria aos seus discentes.

A minha família, amigos, colegas e professores que me apoiaram e contribuíram para o sucesso deste trabalho. Em especial a minha mãe Maria José de Moura Clementino que me apoiou diretamente para a realização de mais este sonho e a meu pai Otavio José Clementino, “In Memoriam”, pela existência, pois sem eles nada disso seria possível.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por cada dia de vida e pela oportunidade de alçar mais este degrau.

A minha família pela presença constante e apoio recebido nos momentos difíceis.

Aos professores que contribuíram para este enriquecimento em saberes.

Aos colegas e amigos que foram importantes para que este se concretizasse. A coordenadora do curso Helen e Joacir, aos funcionários em geral pelo apoio.

A nossa orientadora Jayra Dantas, pela sabedoria e paciência com a qual nos orientou.

A toda equipe docente da Veni Creator Christian University, que nos acolheu.

A minha mãe Maria José de Moura Clementino, que me apoio em todos os momentos da minha vida.

Enfim, a todos que acreditam no meu sucesso e contribuíram direta e indiretamente.

“Prefiro ser criticado como idealista e sonhador inveterado por continuar, sem relutar, a apostar no ser humano, a me bater por uma legislação que o defenda contra as arrancadas agressivas e injustas de quem transgrede a própria ética. A liberdade de comércio não pode estar acima da liberdade do ser humano” (Paulo Freire ALVES).

## RESUMO

A inteligência emocional é a conexão entre o cognitivo e as emoções de modo a compenetrar o indivíduo a se adaptar de maneira apropriada diante de uma situação. Atualmente, cada vez mais autores consideram a importância da integração dos elementos afetivos e emocionais nos conteúdos programáticos formativos de todas as áreas, mas, sobretudo as de caráter educativo, tais como os autores Mayer (1990), (2002), Steiner e Perry (2000), Gardner (1985) e Goleman (1995). Na atividade educativa, quer os professores, quer os alunos passam por estados emocionais bastantes difíceis, conturbados que desafiam muitos profissionais da área de educação e que muitas vezes desestabilizam o emocional. O panorama da educação emocional no ambiente escolar precisa de ajustes, nas relações entre si, com os outros e com a própria aprendizagem. Tendo sido a inteligência emocional definida como a capacidade de adaptar, perceber e compreender, regular e manter as emoções para o sujeito e para os outros (SALOVEY; MAYER, 1990). Um professor é autoconsciente, quando no seu cotidiano responde de forma harmoniosa, sobretudo em situações cujas emoções são difíceis de gerir, como a tríade da hostilidade, isto é, pensamentos negativos sobre si, o mundo e o futuro. O estudo, composto por 32 professores da educação básica do ensino médio da Escola Técnica da rede estadual de Pernambuco, responderam um teste produzido pelo Psicólogo Daniel Goleman, por meio do google drive, com o objetivo de conhecer o nível da inteligência emocional de cada docente, e como essa inteligência pode interferir na vida do professor e no rendimento dos alunos. A pesquisa apresentou por meio de gráficos em colunas o nível de inteligência emocional dos docentes e qual pilar, segundo Goleman foi o mais expressivo na equipe pesquisada e a partir desses resultados pôde ser comprovado que a inteligência emocional influencia o cotidiano nessa unidade escolar.

**Palavras-Chave:** Inteligência emocional. Ensino Médio. Professor.

## ABSTRACT

Emotional intelligence is the connection between cognitive and emotions in order to enable the individual to adapt appropriately in the face of a situation. Nowadays, more and more authors consider the importance of integrating affective and emotional elements in the formative syllabus of all areas, but above all those of an educational nature, such as the authors Mayer (1990), (2002), Steiner and Perry (2000), Gardner (1985) and Goleman (1995). In the educational activity, both teachers and students go through very difficult, troubled emotional states that challenge many professionals in the field of education and that often destabilize the emotional. The panorama of emotional education in the school environment needs adjustments, in the relationships among themselves, with others and with the learning itself. Emotional intelligence has been defined as the ability to adapt, perceive and understand, regulate and maintain emotions for the subject and for others (SALOVEY; MAYER, 1990). A teacher is self-conscious when in his daily life he responds harmoniously, especially in situations whose emotions are difficult to manage, such as the hostility triad, that is, negative thoughts about himself, the world and the future. The study composed of 32 teachers of basic education of the secondary school of the Technical School of the state network of Pernambuco, answered a test produced by the Psychologist Daniel Goleman, through google drive, with the objective of knowing the level of emotional intelligence of each teacher, and how this intelligence can interfere in the life of the teacher and in the performance of the students. The research presented through graphs in columns the level of emotional intelligence of the teachers and which pillar, according to Goleman was the most expressive in the researched team and from these the results showed that emotional intelligence influences daily life in this school unit.

**Keywords:** Emotional intelligence. High school. Teacher.

## LISTA DE SIGLAS/ABREVIATURAS

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio  
IE – Inteligência Emocional

GRE – Gerencia Regional de Educação

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

IDEPE - Índice de Desenvolvimento da Educação de Pernambuco

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira  
MEC – Ministério da Educação

OECD – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico  
PhD – Doctor of Philosophy

QI – Quociente Intelectual  
QE- Quociente Emocional

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

FUNDEB- Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Brasileira

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: AUTOCONSCIÊNCIA.....	54
GRÁFICO 2: AUTORREGULAÇÃO.....	55
GRÁFICO 3: AUTOMOTIVAÇÃO.....	56
GRÁFICO 4: EMPATIA.....	57
GRÁFICO 5: HABILIDADES SOCIAIS.....	58

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>2 BASES FILOSÓFICAS</b> .....	<b>16</b>
2.1 BASE TEÓRICA.....	18
2.2 EMOÇÕES.....	19
2.3 INTELIGÊNCIAS.....	21
2.4 INTELIGÊNCIA EMOCIONAL .....	26
2.5 INTELIGENCIA EMOCIONAL POR DANIEL GOLEMAN .....	30
2.6 ALFABETIZAÇÃO EMOCIONAL.....	32
2.7 HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS.....	44
2.8 AUMENTO DE DEPRESSÃO NOS JOVENS.....	45
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>48</b>
<b>4 RESULTADOS</b> .....	<b>51</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>65</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>74</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo o ser humano teve sua perspectiva de sucesso mensurada somente por seus dotes intelectuais, como exemplo, os conhecimentos e habilidades nas ciências exatas e raciocínio lógico. Era o chamado Quociente de Inteligência ou mais conhecido QI, que avaliava se uma pessoa era inteligente o suficiente para ser bem-sucedida em sua vida profissional.

O tema escolhido para este estudo é cada vez mais relevante no âmbito escolar. Com o intuito de conseguir destaque, aceitação e na busca constante do sucesso na aprendizagem, muitos docentes já têm a percepção de que não basta simplesmente ser capaz de desempenhar tarefas, sem o devido cuidado nas relações e nas atitudes humanas, sem a interação com o próximo ou sem levar em conta o impacto das emoções nas tomadas de decisões.

Atualmente, há diversos fatores práticos que uma gestão escolar pode avaliar em um profissional, analisando e investigando seu histórico profissional como, por exemplo, o comprometimento com os alunos e colegas, a capacidade de cumprir metas, a capacidade de realizar projetos e outras habilidades específicas de cada professor.

Porém o fator interpessoal, por ser algo subjetivo, só é possível avaliar dia a dia e pode se tornar um grande diferencial para o indivíduo. E é visando esse diferencial competitivo, que algumas escolas cada vez mais valorizam os profissionais que tenham habilidades de trabalho em grupo, pois elas já perceberam que o trabalho em equipe é muito mais produtivo, traz melhores resultados e, por consequência, agrega mais valor ao produto final que é a aprendizagem.

Este estudo deseja evidenciar a Inteligência Emocional como uma das ferramentas mais importantes a ser usada na obtenção do sucesso escolar, e com isso, acredita-se estar contribuindo para o aperfeiçoamento do indivíduo dentro e fora da sala de aula.

O referente estudo tem o objetivo geral de analisar como se configura o nível de Inteligência Emocional dos docentes do Ensino Médio da Escola Técnica Estadual na cidade de Gravatá- PE. E os objetivos específicos são de reconhecer os aspectos da Inteligência Emocional de professores da Escola Técnica Estadual e verificar quais os pilares da inteligência emocional são mais presentes neste grupo e qual o pilar mais expressivo no grupo de docentes.

Entretanto, alguns estudiosos do comportamento humano, como Gardner (1985) e Goleman (1995), retomaram uma nova discussão a respeito do assunto, trazendo a inteligência Emocional como a maior responsável pelo sucesso das pessoas no ambiente de trabalho e conseqüentemente na vida pessoal.

Enquanto educadora, aluna, e antes de tudo, ser humano, sempre me despertou a esfera do universo das emoções. A maneira como cada indivíduo transmite seus sentimentos, a forma como se interage com o meio e com seus colegas, amigos, parentes e no caso dos professores com seu público alvo, seus alunos, é ao mesmo tempo particular e pessoal.

De acordo com Soto (2002), esses estudos têm como embasamento, o fato de o trato interpessoal ser constante e necessário no mundo corporativo e, desta forma, as qualidades de relacionamento humano como a gentileza, a simpatia e a compreensão, podem ser fatores determinantes na chance de obtenção de sucesso de um profissional e, por conseqüência, da organização que este trabalha.

O meio social é formado por pessoas e elas são constituídas de emoções. No entanto, essas emoções não são levadas em consideração no âmbito social nem muitos menos no âmbito profissional. A finalidade maior desta pesquisa é, portanto, contribuir sobre a importância da inteligência emocional na vida dos docentes envolvidos neste estudo e para a Educação de forma geral. Por meio das emoções as pessoas podem entender o ambiente no qual se encontram e a partir dessa observação ter um comportamento mais adaptável, é nessa perspectiva que as emoções da vida são administradas.

Segundo Junco (2005) o desenvolvimento da inteligência emocional envolve assegurar o equilíbrio, identificar os sentimentos, administrar as situações conflituosas, sem provocar prejuízos para si próprio ou para outra pessoa. Neste contexto pode-se entender que o espaço escolar precisa ser um lugar agradável e afetivo para que as emoções sejam administradas de forma assertivas para uma aprendizagem significativa e produtiva.

De acordo com Marin e Sánchez (2006) muitas das competências básicas que promovem a inteligência emocional estão ligadas com o reconhecimento das emoções inerentes de cada pessoa e como ela sabe lidar com esses sentimentos. As habilidades que compõem a inteligência emocional são as que separam as pessoas mais preparadas das menos preparadas e aceitam pôr em jogo o saber estar e a vontade de fazer.

A profissão de professor é, por natureza, delicada e complexa e, por isso, certamente no mundo contemporâneo está cada vez mais difícil de exercê-la. Nas salas de aulas é notório as diversidades em vários campos do comportamento humano e em muitas a falta e preparo socioemocional por partes dos docentes e discentes. A pertinência dessa pesquisa é mostrar que os bons resultados de uma escola e de seus alunos estão atrelados a inteligência emocional do corpo docente da escola, é fundamental a importância da promoção da saúde mental com base na aquisição de competências.

Lehtinen (2008, p. 40) diz que:

“O desenvolvimento de competências pessoais, tais como o autoconhecimento, a melhoria da autoestima, um sentimento de controle e auto eficácia, as relações interpessoais, competências comunicacionais, a resolução de problemas e estilos de lidar adequadamente com uma situação tem demonstrado o interesse de promover a saúde mental e ajudar as pessoas a exercer mais controle sobre a sua vida e sobre o ambiente em que vivem”.

Para saber lidar com essas competências é fundamental entender o comportamento das pessoas e emoções. Nesta vertente, Goleman (2006, p. 54) deixa claro o conceito de inteligência emocional como: “a capacidade da pessoa se motivar e persistir a despeito das frustrações: de controlar os impulsos e adiar a recompensa; de regular o seu próprio estado de espírito e impedir que o desânimo subjuguem a faculdade de pensar; de sentir empatia e de ter esperança”.

A presente pesquisa pretende mostrar a importância de se trabalhar a Inteligência Emocional no ambiente escolar, como um dos fatores essenciais no dia a dia da comunidade escolar.

Os resultados positivos ou negativos de uma escola, propriamente falando, já que foi analisado nesta pesquisa os níveis da inteligência emocional dos docentes, vai depender em alto grau, da eficiência e dimensão emocional dos gestores e professores desse espaço escolar.

Neste estudo, além de apresentar de maneira simples e clara como a emoção e suas diversificadas formas são ponto central da existência humana, não de se preservar, mas realizar e criar. Também serão apresentados de forma geral os vários tipos de inteligências e as contribuições trazidas por estudiosos, demonstrando um cenário teórico do que é inteligência.

## 2 BASES FILOSÓFICAS

Um componente largamente reconhecido como principal integrante de uma vida saudável é a felicidade (DIENER, SCOLLON & LUCAS, 2003). Embora o estilo de vida moderno não estimule as pessoas a avaliar seus momentos de felicidade ou de completa realização pessoal, elas são diariamente incitadas a planejar o seu cotidiano para vencer os desafios da vida moderna, por exemplo conseguir e manter um emprego, proteger suas vidas da violência urbana, equilibrar as finanças, esquivar-se de hábitos ou estilos de vida que comprometem a sua saúde e, ao mesmo tempo, ações que promovem a sua integridade física, emocional e social.

Segundo MMM Siqueira (2008), pesquisadores espalhados por diversos países estão empenhados em descobrir o quanto as pessoas se consideram felizes ou em que medida são capazes de realizar plenamente suas potencialidades. Esses estudiosos, embora utilizem duas perspectivas distintas, investigam um tema complexo denominado bem-estar. A atenção dispensada ao tema não é recente. Desde a Grécia antiga, filósofos como Aristóteles já tentavam decifrar o enigma da existência feliz. Enquanto filósofos ainda debatem a essência do estado de felicidade, pesquisadores empenharam-se, nas últimas três décadas, para construir conhecimento e trazer evidências científicas sobre bem-estar.

Com base neste contexto é preciso entender o paradigma que sustentou o nascimento da escola nos séculos passados e os novas referências filosóficas que podem inspirar a construção da Educação do Terceiro Milênio. No ocidente a escola privilegiou o pensamento lógico e a transmissão dos conteúdos considerados válidos. Essa disposição de instituição escolar está inserida em concepções que marcaram a cultura pós-iluminista, segundo Morin (2000a): a separabilidade; a neutralidade dos conhecimentos científicos, o universo ordenado e imutável; a supremacia da razão. De acordo com Kincheloe (1997), a escola tradicional priorizou não a produção do conhecimento. "(...) em nome da neutralidade, uma visão particular do propósito educacional, que afirma que as escolas existem para transmitir cultura sem comentários." (KINCHELOE, 1997: 21)

Nessa perspectiva, as políticas educacionais da era pós-iluminista tinham como base o eixo cognitivo, os conhecimentos programáticos nas várias disciplinas do currículo escolar eram transmitidos por professores que sabiam para alunos que não sabiam. As habilidades socioemocionais não eram levadas em consideração no

âmbito escolar, e até na contemporaneidade ainda nos encontramos no primeiro degrau de uma longa caminhada quando nos referimos ao trabalho com a inteligência emocional e habilidades socioemocionais no ambiente escolar.

Segundo Morin (2000b) pelo desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicações que “encurtou o planeta”, promovem o movimento de repensar nas instituições sociais, dentre elas a escola; entretanto, nem sempre as alterações paradigmáticas e as novas bases teóricas chegam a ocupar um lugar privilegiado na escola. Em muitas unidades escolares não há se quer uma conversa para saber direcionar esse tema da inteligência emocional, têm alunos que pensam buscam informações com outro colega e como não se explica de forma clara, ele acredita que não é capaz de melhorar e vai cada vez mergulhando na depressão e ansiedade.

Uma boa parte das instituições de ensino continuam com o foco na preparação cognitiva e conteudista, visando carro chefe o Enem, que é o fim do túnel. Não se trata de descuidar dos conteúdos que compõem as matrizes curriculares das disciplinas escolares, mas de resgatar os demais aspectos das pessoas, reintegrando-as em suas múltiplas facetas constitutivas. Integrar é “tornar inteiro, completar”, é re-unir (unir de novo) o que na realidade nunca foi separado, foi apenas pensado em separado. Tomar inteiro é resgatar a unicidade, recompor as células, restituir o ser. (ABED 1996:6)

Diretores, coordenadores, professores, alunos e familiares, todas as pessoas que compõem a escola têm emoções e estabelecem vínculos umas com as outras. Portanto, considerar as habilidades socioemocionais e trabalhar a inteligência emocional na proposta pedagógica das escolas é considerar a importância da saúde mental atrelada ao cognitivo de cada indivíduo no ambiente escolar.

Não enxergar que nas unidades escolares há problemas sérios de casos de ansiedade e depressão, é ser conivente com o problemas, as autoridades competentes como o Ministério da Educação, precisa criar políticas públicas para esses jovens que necessitam de um acompanhamento psicológicos, não basta ter a lei no papel, é preciso colocá-la em prática, de uma forma integral, os secretários de educação e as gerências regionais de educação de cada regional precisam criar programas, capacitar profissionais que atuem diretamente dentro da escolas para atender esses jovens, que futuramente serão os trabalhadores no mercado.

## 2.1 BASE TEÓRICA

A relevância sobre o estudo da inteligência emocional não é um episódio específico da atualidade. Desde a Antiguidade, teóricos pesquisavam a inteligência com o objetivo de tentar conceituá-la. Na Grécia antiga Marco Túlio Cícero (106 a. C 43 a. C), filósofo, orador, escritor, advogado e político Romano, utilizou o termo partindo da diferença feita por Platão e Aristóteles o que se refere aos aspectos cognitivos da natureza humana relacionados com o pensamento, solução de problemas, raciocínio e aspectos do comportamento humano associados a emoção, sentimentos e vontade (CALDWELL, 2006).

Sócrates (469 a. C – 399 a. C), filósofo do período clássico da Grécia antiga, defendia que o indivíduo possui um conhecimento inato e as diferenças individuais na inteligência são heranças genéticas. Platão, por sua vez, defendia a ideia de áreas do cérebro associada a vários tipos de soluções de problemas, já Aristóteles falou sobre a importância das emoções (COTRIM, 2000).

Ao chegar na Idade Média, Tomás de Aquino (1225-1274) filósofo, teólogo e expoente da escolástica, defendia a ideia de que a Inteligência era inata (ALAEÓN; FAINTANIN, 2008). Santo Augustinho (354-430) bispo, escritor, teólogo e filósofo, defendia a ideia de que a inteligência era adquirida pela experiência (GILSON, 2006). O Tratado: As Expressões e as Emoções, nos Homens e nos Animais, foi a contribuição que Charles Darwin (1996) ofereceu para a população. Era o sistema emocional que mantinha ativo os comportamentos essenciais à sobrevivência. No século XVII René Descartes (1596-1650) filósofo, físico e matemático francês, acreditava na ideia de que a mente é a fonte do conhecimento (DAMÁSIO, 1996).

Já no século XIX Franz Joseph Gall (1758-1828) médico e anatomista alemão, desenvolveu pesquisas como o objetivo de estudar por meio de análises anatômicas e fisiológicas, o vínculo entre porções do cérebro e capacidades humanas específicas (CALDAS, 2000).

Segundo o psicólogo americano Thorndike (1874-1949), já em 1920 apresentava o conceito de inteligência social como um conceito multidimensional entre aspectos cognitivos, comportamentais e emocionais, diferenciando-o das capacidades acadêmicas para o sucesso na vida. Na década de 80, Reuven Bar-On utilizou o termo quociente emocional (QE) para se referir aos aspectos de aptidões emocionais. Já na década de 90, Salovey e Mayer apresentaram um artigo científico

conceituando a inteligência emocional.

Depois Howard Gardner (1995) apresentou a teoria das inteligências múltiplas (intrapessoais e interpessoais) que qualificou o indivíduo como um ser capaz de desenvolver múltiplas inteligências. Já Mayer e Salory (2002) protagonizaram pesquisas que possibilitaram aferir o QE à semelhança da inteligência analítica (o equilíbrio da emoção com a razão). Esse pressuposto de tais pesquisas deu origem a ideia de que o ser humano é ao mesmo tempo um ser racional e emocional.

Daniel Goleman (1995) com a obra *Inteligência Emocional*, introduz o conceito em escala global, por meio da popularização do tema inteligência emocional e esclarece os níveis e as etapas da inteligência emocional das pessoas e como essas capacidades decidem o estado de espírito e bem-estar do ser humano.

Todo esse trajeto histórico em torno do conceito de inteligência emocional cumpre a função de levantar a complexidade do tema e assim proporcionar a entrada do assunto específico desta pesquisa que é a inteligência emocional.

## 2.2 EMOÇÕES

Filósofos, neurologistas pedagogos entre outros, no século passado, principalmente nas últimas décadas, já indicavam que padrões e modelos iriam ser rompidos neste século XXI. Estudos recentes sobre o cérebro humano, sobre a liderança, sobre a tomada de decisão, sobre inteligência têm despertado muito interesse, norteiam este caminho e abrangem uma melhor interação do líder, do professor, além da construção do conhecimento, estimulando as inteligências e levando-os a tornarem-se aptos na resolução de problemas ou aumentar as oportunidades válidas para o ambiente e a cultura onde estão inseridas.

Damásio (1996, 2000), discorre três níveis de emoções: a) primário: emoções primárias ou básicas, são aquelas retratadas pelos trabalhos de Darwin e seguidores: alegria, tristeza, medo, raiva, surpresa e repugnância. b) secundário: emoções secundárias ou sociais incluem embaraço, ciúmes, culpa, orgulho entre outras; c) fundo: emoções de fundo como bem-estar ou mal-estar, calma ou tensão. Emoções são adaptações que integram os mecanismos pelos quais os sujeitos regulam a vida, que numa reação específica a uma situação quer na regulação do estado interno de cada pessoa.

Emoções são conjuntos complexos de reações químicas e neurais, formando

um padrão; todas as emoções têm algum tipo de papel regulador a desempenhar, levando, de um modo ou de outro, à criação de circunstâncias vantajosas para o organismo em que o fenômeno se apresenta; as emoções estão ligadas à vida de um organismo, ao seu corpo, para ser exato, e seu papel é auxiliar o organismo a conservar vida Damásio (2000). O aprendizado e a cultura alteram a expressão das emoções e lhes conferem novos significados. Assim temos, por um lado, os processos biológicos que determinam as emoções e por outro lado, os aspectos socioculturais. E também há reações emocionais universais que são o resultado da evolução biológica, mas em pessoas adultas elas são subsumidas às reações mais complexas que refletem a cultura e o desenvolvimento individual.

Nessa abordagem heterogênea de Griffiths (1997), temos a conjugação dos aspectos individuais e dos aspectos socioculturais das emoções. Cada emoção tem um comportamento muscular: a) alegria, de expansão, b) prazer, de compartilhamento, c) tristeza, de encolhimento d) raiva, de agressão, e) medo, de contração.

Pesquisas e estudos dividem as emoções em negativas e positivas: a) negativas: impaciência, arrogância, crueldade, violência, ansiedade. b) positivas: alegria, honra, sinceridade, criatividade, entusiasmo, bom humor, alegria, descontração, interesse em melhorar o rendimento:

Um docente é um líder em sua sala de aula, grandes líderes mexem com as emoções. Inflamam nossa paixão e inspiram o que há de melhor em nós, grandes professores que, conseguem administrar melhor suas emoções, são eficientes, falam de estratégias, eles têm visões e ideias poderosas e sabem lidar com suas emoções e com as emoções dos outros.

O impacto emocional que um docente pode fazer na vida de um discente vai depender de como ele diz as coisa, sua oralidade e de como ele faz as coisas, suas atitudes, ele sempre será o exemplo, um espelho para sua turma, dessa forma ser um professor que sabe lidar com suas emoções é a dimensão primordial. Ele como líder precisa trabalhar a dimensão primordial, a primeira, em dois sentidos: é ao mesmo tempo o ato inicial e o ato importante de liderança.

Não há dúvida que os primeiros líderes da humanidade, fossem chefes de clã ou líderes espirituais, conquistaram seu lugar em grande parte porque sua liderança era emocionalmente irresistível. Ao longo da história e em todas as culturas.

A emoção deve estar presente em todos os campos de liderança, não só na de

professores, pois um líder de qualquer grupo tem sido aquele para quem os outros se voltam em busca de segurança e clareza diante de uma incerteza ou de uma ameaça, ou quando há um trabalho a ser feito. Ele age como guia emocional do grupo.

Nas organizações modernas, essa tarefa emocional primordial dar uma direção positiva às emoções coletivas e acaba a situação constrangedora criada por emoções tóxicas. Essa tarefa se aplica à liderança em geral, em todos os lugares, das mesas de reunião aos birôs das salas de aula.

Dessa forma um professor, que poderá ser um líder, pode ter o poder máximo de influenciar as emoções de toda a comunidade escolar, esperamos que seja para o bem de todos, as emoções de forma positiva e assertiva, visando sempre o bem, não só individual, mas também do coletivo.

Em suma, em qualquer grupo de pessoas o líder, seja ele um chefe, um gestor ou mesmo um professor tem o poder máximo de influenciar as emoções de todos. Se as emoções das pessoas são empurradas para o espectro do entusiasmo, o desempenho pode atingir os altos níveis; se forem conduzidos para o espectro negativo do rancor e da ansiedade, as pessoas vão estar desconectadas com o objetivo daquele lugar.

Outro aspecto da liderança primordial: seus efeitos não se limitam a garantir que o trabalho seja bem-sucedido. Os seguidores observam para o líder em busca de um vínculo de apoio emocional de empatia. Toda liderança inclui essa dimensão primal, para o bem ou para o mal. Quando conduzem emoções de forma positiva, os líderes trazem à tona o que todos têm de melhor. Para Goleman (2018), esse efeito é chamado de ressonância, todavia, quando dirigem as emoções de forma negativa, os líderes geram dissonância, acabando os alicerces emocionais que permitem às pessoas brilharem.

### 2.3 INTELIGÊNCIAS

A palavra inteligência é um conceito usado e definido de muitas formas distintas. Conforme RD Bönmann (1974 apud BONMANN, 2001, p. 07) algumas pessoas definem inteligência como a capacidade de adaptar-se a novas circunstâncias; e outras definiriam como a capacidade para lidar com material complexo e abstrato.

A inteligência geral segundo Piéron (1960), descreve a inteligência com quatro

significados diferentes: a) as faculdades, b) a inteligência, c) a sensibilidade, d) a vontade correspondida. Há todo um conjunto de funções, abrangendo todos os aspectos da vida mental. No estudo do desenvolvimento de sua medida, se designa, muitas vezes, por inteligência o nível mental, globalmente considerado, a inteligência “global”.

O termo “*inteligência geral*” tem sido muitas vezes usado para nomear um fator geral, comum a todas as operações mentais. Na psicologia comparada, diferencial, inteligência designa (com especificações variáveis) a capacidade de resolver problemas, de encontrar soluções para situações novas de qualquer natureza. Sendo contrário às capacidades instintivas, mais ou menos automatizadas. Essa capacidade de natureza complexa dependeria essencialmente de uma adaptação hereditária.

David e Richard (1974) baseiam-se na crença de uma inteligência geral:

“[...] esta abordagem baseia-se na crença de que a inteligência é um fator geral “g”, importante na realização de todos os tipos de trabalho. Dúvidas foram lançadas quanto a essa suposição, e foram a partir daí planejados testes de aptidão, especializados, para cada uma das categorias mais importantes de ocupação. No entanto, os resultados dos testes e inteligência apresentam elevada correlação com a maioria dos tipos de eficiência no trabalho” (DAVID e RICHARD, apud BONMANN, 2001, p.09).

As diferentes capacidades do homem, quando se exprimem na família, no trabalho ou na escola revelam até certo ponto a inteligência tal como é medida pelos testes. Segundo David e Richard (2002), o fato de que os resultados nos testes de inteligência apresentam relações em comum com os tipos dos resultados realizados como prova de que a inteligência é a capacidade geral e única do ser humano.

Dessa forma, esses autores sustentam que vários psicólogos afirmam exatamente essa posição. Todavia, alguns defendem que os resultados nos testes de inteligência representam a composição de muitas capacidades mentais, diferentes e separadas, tais como raciocínio, memória e aprendizagem. Pesquisas foram feitas com relações a este assunto, e levaram à conclusão, na época, de que os testes de inteligência não mediam uma única qualidade do ser humano, mas também não medeia um simples conjunto de traços separados e não relacionados. A principal maneira utilizada para estudar esses problemas tem sido a correlação de vários testes mentais entre si, por meio de dados estatísticos.

[...] acreditava que “g” media um poder ou uma energia com base neurológica que associava a capacidade de realizar trabalhos intelectuais. Entretanto para compreender seu trabalho, precisa-se considerar a correlação, que é uma medida da extensão em que duas variáveis estão associadas ou seria também o grau que duas variáveis, tais como peso e altura, riqueza e realização escolar, variam juntas (SPERARMAN, 1923 apud BONMANN, 2001, p.10).

Segundo Nogueira (1998) uma pessoa pode apresentar bons resultados em matemática e maus resultados em comunicação escrita; pode ter capacidade de criar e ser imaginativo nas artes como: música e relativamente um desastre em química. Mas, geralmente, os que são superiores em uma atividade mental tendem a ser relativamente superior em muitas outras atividades. Tende a ser uma correlação positiva entre quase todas as capacidades do indivíduo. A organização mental determina as habilidades humanas, são complexas e merecem muita atenção.

Este é um momento de discussão no qual a inteligência, em respaldo nos testes de QI, está sendo repensado; questionado e estudado na atualidade, apresentando uma quebra dos modelos normais do que se refere as inteligências humanas. No campo da educação está sendo apresentado discussões e até mesmo se sugere uma reviravolta na prática do processo de ensino-aprendizagem o conceito das múltiplas inteligências, através dos estudos de Gardner na última década do século XX. Segundo Nogueira o caminho que segue a escola:

“[...] mais uma vez é o meio empresarial quem dita às regras e necessidades ao meio educacional, que corre atrás do prejuízo tentando se preparar às novas demandas de mercado. Neste caso, especificamente, acreditamos que esta demanda fará que quebre velhos paradigmas e migre para uma formação mais pluralista do alunado. A pergunta é como ficam os indivíduos que não conseguem QI alto na avaliação, onde serão colocados, será possível o QI determinar o futuro destes elementos?” (NOGUEIRA 1998, p. 3).

De acordo com Nogueira, mais uma vez a regra é quebrada. Muitos indivíduos, considerados de QI baixo possuem carreira de sucesso, gerenciando grupos, atuando como comerciantes ou administradores bem-sucedidos. Para Gardner (1994) com sua Teoria das Inteligências Múltiplas propõe:

“[...] a Inteligência passa a ser encarada como um espectro de competências, e não só a inteligência como sendo algo único, determinada pelo QI e norteada pela lógica e linguística. Nesta visão pluralista, propõe a inteligência como: “A capacidade de resolver

problemas ou de criar produtos que sejam valorizados dentro de um ou mais cenários culturais” (GARDNER, 1994 apud NOGUEIRA, 1998, p.5).

O resultado de um teste de inteligência tende a estabelecer um efeito considerável sobre o futuro do ser humano testado, influenciando a maneira como os docentes pensaram sobre ele. De acordo com Gardner (1994), a pontuação em um teste de inteligência de fato prevê a habilidade do indivíduo de entender os conteúdos escolares embora não preveja sobre o sucesso na vida.

Segundo Gardner:

“Há oito diferentes pontos no cérebro humano onde se abrigariam diferentes inteligências. A este conjunto denominado de inteligência múltiplas, que seriam. Inteligências linguísticas, verbal, lógico-matemática, espacial, musical, cinestésica corporal, naturalista e as pessoais – intrapessoal e interpessoal” (GARDNER, 1994).

É notório uma falha nos atuais métodos de avaliação do intelecto, eles não são suficientes afiados a ponto de permitir a avaliação dos potenciais ou conquistas de uma pessoa, como desenvolver meios educacionais que elevem de maneira satisfatória este potencial?

De acordo com Gardner (1994) pontua a existência de várias competências intelectuais das pessoas relativamente independente, que denominadas “Inteligências Humanas”. Cada eixo individual não foi até agora determinada com satisfatório, nem o número preciso de inteligências foi estabelecido.

De acordo com Gardner, parece difícil negar a convicção de que há pelo menos algumas inteligências e que elas são relativamente independentes uma das outras, podendo ser moldadas e programadas numa variedade de formas que serão adaptadas por pessoas e culturas.

Em suas pesquisas Gardner analisou várias fontes de suas pesquisas de prodígios, pessoas com talento, pacientes com danos cerebrais, crianças normais, adultos normais, especialistas em diferentes linhas de pesquisas e indivíduos de diversos povos e culturas.

“Convenci-me da existência de uma inteligência na extensão em que ela pode ser encontrada em relativo isolamento em populações especiais; na extensão que pôde torna-se altamente desenvolvidas em indivíduos específicos ou em culturas específicas; e na extensão

em que psicometristas, pesquisadores experimentais e/ou especialistas em disciplinas específicas ou em culturas específicas põem postular habilidades centrais que, de fato, definem a inteligência. A ausência de alguns ou de todos estes índices evidentemente elimina uma inteligência candidata. Na roda comum, estas inteligências trabalham em harmonia, então sua autonomia pode ser invisível. Mas quando as lentes de observação são elaboradas, a natureza de cada inteligência emerge com suficiente (e não raro com surpreendente) clareza” (GARDNER, 1994, p.45).

A inteligência não é concebida de forma hereditária e em elementos neurológicos apenas, mas também do ambiente onde está introduzida. A neurobiologia, atualmente, apresenta a presença de áreas no cérebro humano representativas de um campo específico de competências e de processamento de informações. Para Antunes (1998), já existe um consenso de que estas áreas expressem uma forma de inteligência, e que cada uma seja responsabilizada pela solução específica de problemas ou oportunidades válidas para uma cultura. Segundo Bönmann (2001)

[...] destaca oito critérios apontado por Gardner, como essências para que uma competência possa ser incluída como uma inteligência. Estes são os critérios: identificação da “morada” da inteligência por dano cerebral: um dano em parte do cérebro pode afetar as habilidades inerentes a esta Inteligência; existência de indivíduos excepcionais da solução de problemas ou criação; gatilho neural pronto para ser disparado em determinados tipos de informações interna ou externa: a capacidade momentânea de “disparar” a inteligência a partir de um estímulo; suscetibilidade à modificação de inteligência por treinamento; história de plausibilidade evolutiva; exames específicos por meio de tarefas experimentais; exames psicométricos: mostram resultados claros de indícios de inteligência específica, ou seja, habilidades lógico-matemática mais desenvolvida, fracasso em habilidades espacial; e criação de um sistema específico, exemplo, as “letras”, as notas musicais, sinais cartográficos e faciais, são sistemas simbólicos diferentes que estão representando uma comunicação e na representação de cada grupo a que se destina (BÖNMANN, 2001 apud ANTUNES, 2001 p.15).

Esses oito critérios admitem reconhecer as competências das inteligências múltiplas e os meios pelos quais elas podem ser julgadas, estes sinais que possibilitam o conhecimento das inteligências, uma vez que a localização cerebral destes pontos não constitui tarefa fácil, este suporte então parece clarear o caminho para a sua identificação.

A hipótese do psicólogo Howard Gardner, formulada em 1982, o tornou

conhecido por toda parte do mundo. Depois de 27 anos, ele sustenta haver, além das reconhecidas habilidades linguísticas e lógico-matemática, outras seis formas de inteligência.

Para Gardner (1982) as inteligências múltiplas são: espacial (mais presentes na navegação e engenharia); corporal-cinestésica (desenvolvidas em atletas ou dançarinos); interpessoal (representada pela capacidade de compreensão dos sentimentos do outro); intrapessoal (expressa pelo autoconhecimento); naturalística (referente à relação da pessoa com a natureza) e musical.

## 2.4 INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

De acordo com Oliveira (2011), foi na década de 80, do século passado, que teve início as primeiras pesquisas sobre outra nova inteligência que não a obtida por meio de testes de QI's, a inteligência que viria de como lidamos com as nossas emoções e com as emoções alheias, que com o passar do tempo seria conhecida por todo mundo de Inteligência Emocional.

“[...] no princípio da década de 80, Reuven Bar-On, psicólogo israelense, foi o pioneiro na proposição de um modelo de inteligência emocional em 15 habilidades chaves situadas em cinco conjuntos gerais; em 1983, Howard Gardner, psicólogo de Harvard, propôs um modelo de inteligência múltipla que apontava a distinção entre capacidades intelectuais e emocionais; já em 1990, dois psicólogos, John Mayer e Peter.

Já na década de 90, a noção de inteligência emocional foi definida pelos psicólogos Peter Salovey e John Mayer. Segundo Goleman (2001), Salovey inclui as inteligências interpessoal e intrapessoal estudadas por Gardner (1995), em sua definição de Inteligência emocional. Santos (2000, p. 46) esclarece que:

“A Inteligência Emocional envolve a capacidade de perceber acuradamente, de avaliar e de expressar emoções; a capacidade de perceber e/ou gerar sentimentos quando eles facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção e o conhecimento emocional; e a capacidade de controlar emoções para promover o crescimento emocional e intelectual.”

Baseada na ideia de alfabetização emocional, ou seja, de que todo indivíduo é capaz de aprender a lidar de forma competente com as emoções, essa teoria

refere-se à mente emocional como uma estrutura, a sede das habilidades do coração, e reconhecê-la é a melhor maneira de rever o sucesso em qualquer área. De acordo Goleman (1995):

*“[...] inteligência emocional é uma qualidade não mensurável no teste do QI, formando um conjunto de habilidades como autoconsciência, administração das emoções, automotivação, empatia e arte do relacionamento, que inclui a capacidade de trabalhar em grupo. A proposta do autor é levar inteligência à *emoção*; e levar a *cognição para o campo do sentimento*. As *emoções enriquecem*; um *modelo mental que as ignore se empobrece* (GOLEMAN, 1995, p.54).*

A partir dessas pesquisas aparece o estudo da inteligência emocional, compreendida por nós como a harmonia entre a razão e a emoção ou como a capacidade em lidar com as emoções de maneira inteligente, para que dessa forma possamos obter sucesso tanto no campo profissional, quanto no campo social, visto que os dois se complementam e ambos precisam de um equilíbrio nessa área do saber.

Steiner e Perry (2001) sustentam que o indivíduo emocionalmente educado é capaz de manejar com as emoções de maneira a desenvolver seu potencial de criar maior qualidade de vida. Para os especialistas, a Educação Emocional amplia os relacionamentos, cria possibilidades de afeto entre pessoas, torna possível o trabalho cooperativo e facilita o sentido de solidariedade e trabalho em equipe. Essa ideia é defendida por Goleman (2001, p.18), quando enuncia:

*“Uma visão da natureza humana que ignore o poder das emoções é lamentavelmente míope. A própria denominação Homo sapiens, a espécie pensante, é enganosa à luz do que hoje a ciência diz acerca do lugar que as emoções ocupam em nossas vidas. Como sabemos por experiência própria, quando se trata de moldar nossas decisões e ações, a emoção pesa tanto – e às vezes muito mais- quanto a razão. Fomos longe demais quando enfatizamos valor e a importância do puramente racional- do que mede o QI- na vida humana. Para o bem ou para o mal, quando são as emoções que dominam, o intelecto não pode nos conduzir a lugar nenhum.”*

Segundo Oliveira (2011), a partir dessa situação, a Inteligência Emocional passou a ser algo amplamente abordado aparecendo muitos autores discutindo sobre a temática. Cada um contribuindo com sua opinião sobre o assunto com o mesmo objetivo de explicar o que é a Inteligência Emocional e qual a relevância dela na vida do ser humano.

Como características de pessoas que têm a inteligência emocional desenvolvida, Goleman (2001) destaca, entre elas:

“Capacidade do líder em de organizar grupos ou rede de pessoas, talento que se enxerga em diretores e chefes de organizações; capacidade do mediador que negocia soluções e acordos, evitando conflitos e disputas, talentos dos diplomatas, árbitros ou gerentes, entre outras; domínio da arte do bom relacionamento, que facilitam o conviver das famílias, amigos e colegas de trabalho; capacidade para análise social, a partir dos sentimentos e preocupações das pessoas, talentos reconhecidos, principalmente, nos terapeutas, conselheiros, líderes naturais escritores”.

Vieira (2007b, p. 11) constata a necessidade de novos olhares para o ensino das emoções e seus benefícios. E diz:

Porque a gente mexe tanto no que está fora da gente e não atenta para o que está dentro da gente? Vai nos fazer mais felizes, vai nos fazer ganhar mais, vamos fazer gastar melhor, vai nos fazer ter mais saúde, é bom pra todo mundo. Porque as pessoas responsáveis pela educação não estão mais atentas para isso?

É necessário que se promova, de fato, as mudanças na educação que a sociedade quer e precisa. O emocional não pode ficar de lado, esquecido no meio escolar, os jovens há muito tempo precisaram desse olhar mais humano e nos dias contemporâneos está cada vez mais latente esse véis do trabalho emocional dentro da sala de aula e fora dele também.

Para Sampaio (2004, P. 37): “A educação não pode restringir-se a treinamentos ou apenas informações. É necessário repensá-la e fazê-la servir à vida, à realização humana, social e ambiental.” Esta necessidade é também destacada por Beauport (1998), quando afirma que, se o planejamento do processo racional contribui para o avanço da ciência, é de se esperar que a elaboração de nosso processo emocional contribua para o avanço humanístico. Para tanto, é imprescindível que tenhamos compreensão do que seja emoção.

Por meio da educação emocional no ambiente escolar e propriamente na sala de aula, acreditamos poder diminuir consideravelmente a violência- forma mais expressiva de raiva-, mal que invade quase todas as escolas do mundo inteiro. As estatísticas mostram também que em todo o mundo há um crescente aumento da solidão, tristeza, suicídio e de pessoas que, cada vez com menos idade, entram em

depressão. Certamente, a educação emocional será útil para diminuir as emoções tidas como negativas.

Os docentes precisam está no controle das suas inteligências emocionais para lidar com a clientela de alunado com possíveis problemas citados anteriormente. “Se aprendermos a controlar a raiva e procuramos divulgar suas formas de controle na escola, em casa e com os amigos [...] seguramente estaremos contribuindo para um mundo melhor, sem tanta violência”. (SANTOS, 2000, p. 52).

Goleman (2001) aconselha o estudo da Ciência do Eu, prática pedagógica já experimentada no Centro de Aprendizado Nueva Lengua, escola particular que oferece treinamento modelar em inteligência emocional. A estratégia sugere tratar, na sala de aula, problemas reais, para que o aprendizado não ocorra de forma isolada dos sentimentos dos educandos, saber lidar com situações como raiva, frustrações e discriminações; e manter o autocontrole das emoções perturbadoras e aflitivas, mesmo em momentos difíceis e sob pressão.

A pessoa responsável pelas próprias atitudes, e dessa forma favorecendo ao discente a melhor maneira de agir, com ética e acima de qualquer coisa e restrição; aprender a ganhar confiança por meio de sua autenticidade; admitir os próprios erros; e assumir posições firmes e coerentes, mesmo que não sejam do agrado geral. Goleman (2001, p. 276) reforça que: “Ser emocionalmente alfabetizado é tão importante na aprendizagem quanto a matemática e a leitura”. E complementa:

“A ideia básica é elevar o nível de competência social e emocional nas crianças como parte de sua educação regular- não apenas uma coisa ensinada como paliativo para crianças que estão ficando para trás e que são “perturbadas”, mas um conjunto de aptidões e compreensões essenciais para cada criança.”

Os assuntos trabalhados na Ciência do EU, representam uma perfeita integração, seguindo a inteligência emocional. Nesta, a autoconsciência leva os alunos a separarem se são os pensamentos ou os sentimentos que governam uma decisão, a avaliarem as consequências de alternativas e a aplicarem essas intuições em questões como drogas, fumo e sexo. Segundo Goleman (2001), é preciso compreender o que está por trás de um sentimento (por exemplo, a mágoa que dispara a raiva) e como aprender a lidar com a ansiedade, com a ira e com a tristeza. A importância de se trabalhar o emocional no contexto escolar é um novo caminho para inserir as emoções e a vida social nos currículos formais. As lições

emocionais podem fundir-se naturalmente com leitura e escrita, saúde, ciência, estudos sociais e também com outras disciplinas padrão. Algumas atividades são dadas até como parte da aula de matemática, despertando aptidões básicas de estudo, como forma de afastar distrações, motivar-se para estudar e controlar impulsos, para acompanhar o ensino.

Os protagonistas da escola aprenderão que a questão não é evitar inteiramente possíveis conflitos, mas resolver de maneira sábia as discordâncias e ressentimentos antes de se tornarem brigas abertas. Essa assertividade (que é diferente de agressão ou passividade) acentua a expressão direta dos sentimentos, mas de maneira que não se torne uma agressão.

Diante desta análise, é possível afirmar que a inserção do estudo da inteligência emocional nas escolas envolve um legado para todos da comunidade escolar, todos os responsáveis pela educação com qualidade de vida, que visa o bem-estar do outro e de si mesmo. Mas para isso acontecer é preciso que haja três grandes mudanças: que o educador vá além da missão tradicional de ensinar a ler e escrever; que as escolas incluam em seu currículo o ensino das emoções; e que as famílias e pessoas da comunidade se envolvam mais com o ambiente escolar.

## 2.5 INTELIGENCIA EMOCIONAL POR DANIEL GOLEMAN

De acordo com Oliveira (2011), a explicação do termo Inteligência Emocional foi no ano de 1995, Daniel Goleman, psicólogo Ph.D de Harvard (EUA) lançou seu livro sobre o tema, e até hoje sua obra é referência para quem deseja saber mais sobre esse assunto. Para Goleman (1995) a consciência das emoções é fator essencial para o desenvolvimento da inteligência do indivíduo, a obra do psicólogo trata de estudos de casos cotidianos, ele mostra como a incapacidade de lidar com as próprias emoções pode minar a experiência escolar, acabar com carreiras promissoras e destruir vidas.

Goleman reconhece os estudos das Inteligências Múltiplas, mas acrescenta que a dimensão da inteligência pessoal é pouco explorada por Gardner, basicamente é fortemente calcada no modelo mental da ciência cognitiva, enfatizando assim a percepção, a compreensão de si e dos outros nas motivações, nos hábitos de trabalho e no uso dessa intuição na própria vida e na relação com os outros. No entanto, Goleman destaca que o campo da emoção também se estende ao alcance da

linguagem e da cognição. Segundo ele, falta investigação mais detalhada sobre o papel do sentimento nessa inteligência. Sendo assim Goleman (1995, p. 52), “[...] deixa inexplorado o mar de emoções que forma a vida interior e os relacionamentos tão complexos, tão absorventes e muitas vezes, tão desconcertantes que deixa de lado o que há de intelectual nas emoções e o que há de emocional na inteligência”.

O fracasso e a vitória não são determinados por algum tipo de loteria genética: muitos dos circuitos cerebrais da mente humana são maleáveis e podem ser trabalhados; portanto, temperamento não é destino. Na sua obra ele descreve os cinco pilares da inteligência emocional e mostra como eles determinam nosso êxito nos relacionamentos e no trabalho, e até nosso bem-estar físico.

Pais, professores e líderes do mundo dos negócios sentirão o valor desta visão arrebatadora do potencial humano, inteligência emocional continua sendo o tema provocador aos que ainda pensam que a razão é a única responsável pelo caminho da vida.

“Se o desenvolvimento do caráter é uma das bases das sociedades democráticas, pensem em alguma das maneiras como a inteligência emocional reforça essa base. O princípio fundamental do caráter é a autodisciplina; a vida virtuosa, como têm observado os filósofos desde Aristóteles, se baseia no autocontrole. Uma pedra de toque afim do caráter é a capacidade de motivar-se e orientar-se, seja no fazer um dever de casa, concluir um trabalho ou levantar-se pela manhã. Precisamos estar no controle de nós mesmos, para agir direto com o outro” (GOLEMAN, 1995 p. 302).

A reflexões sobre os saberes necessários ao desenvolvimento da educação emocional retratam o desafio imposto à formação de professores nesse início de século. Muitos docentes não se sentem seguros para lidar com aspectos emocionais e a sua aplicação em sala de aula.

Na realidade, as formações de professores não têm contemplado a dimensão emocional com profundidade, com seriedade. Deixando o assunto para consultórios e esquecendo que nas nossas salas de aula, o cotidiano das escolas públicas não há psicólogos, entretanto não estamos falando aqui de acompanhamento psicológico, estamos discutindo as emoções de forma geral no ambiente escolar e saber lidar com elas é justamente o foco desse estudo, a Inteligência Emocional. Dessa forma, podemos dizer que os docentes não foram emocionalmente alfabetizados. O comentário de Stemme (1999, p. 114) pode ajudar a refletir sobre a superação desses

desafios:

“Nas últimas semanas, perguntei várias vezes às pessoas que encontrei se queriam me fazer um pequeno favor. Deveriam me dizer as emoções mais importantes. Eu queria saber quais eram as experiências básicas e o conhecimento fundamental das pessoas quando se trata de emoções. O resultado não foi muito surpreendente. Ninguém perguntou o que se entendia por emoções. Todos sabiam do que eu estava falando. Embora nenhuma das pessoas pudesse recorrer a um conhecimento aprendido, mencionaram sobretudo as emoções mais importantes: medo, confiança, alegria, pânico, assombro, pavor, curiosidade, ira, tristeza, raiva nojo, surpresa, amor. Todos aqueles a quem perguntei também podiam indicar como a pessoa se comporta quando está tendo uma dessas emoções.”

Nesse comentário o professor tem um alerta para a necessidade de buscar formação continuada sobre esse tema. Acredita-se que um bom começo para o professor se prende ao conhecimento de si mesmo e o aprofundamento desse conhecimento pode ajudar certamente o cotidiano do trabalho com alunos e alunas. Outro fator desafiador se prende à inclusão da temática sobre Educação Emocional nos currículos existentes.

## 2.6 ALFABETIZAÇÃO EMOCIONAL

Nos séculos XIX e grande parte do século XX, a educação era fundamentada nos padrões tradicionais, ou seja, ao comportamento conservador, a abordagem escolanovista e abordagem tecnicista. Esses métodos tinham como objetivo a fragmentação e a reprodução do conhecimento.

De acordo com esse fato, Behrens (2000, p. 17) constata que: “O século XX manteve a tendência do século XIX, fortemente influenciado pelo método cartesiano, que separa mente e matéria e propõe a divisão do conhecimento em campos especializados”.

As unidades de ensino utilizando-se destas abordagens não abordavam em suas propostas de ensino os saberes que envolvessem a formação do ser humano em sua totalidade e complexidade. O lado afetivo e emocional não era levado em consideração no meio escolar, ficava sob responsabilidade da família. Nesse contexto, cabe a contribuição de Morin (2003, p.26):

“O paradigma cartesiano separa o sujeito e o objetivo, cada qual na esfera própria: a filosofia e a pesquisa reflexiva, de um lado, a ciência e a pesquisa objetiva do outro. Essa dissociação atravessa o universo de um extremo ao outro: Sujeito/Objeto, Alma/Corpo, Espírito/Matéria, Qualidade/Quantidade, Finalidade/Causalidade, Sentimento/Razão, Liberdade/Determinismo, Existência/Essência.”

Dessa maneira, a escola contribui para que existam ainda hoje muitas pessoas com comportamentos e atitudes que demonstram claramente um analfabetismo emocional e esse fato causou e ainda causa danos seríssimos em nossa sociedade. Em todas as partes manchetes e notícias de violência na escola são assustadoras, com relatos que crianças e jovens matam, não só nos Estados Unidos, mas também aqui no Brasil já houve massacres em escolas.

A atitude agressiva dos alunos envolve todos os níveis de ensino e tem se apresentado com destaque nas últimas duas décadas dentro do ambiente escolar. Dessa maneira, é válido o questionamento: o que está levando as crianças e jovens a agirem de maneira violenta?

É fato que existem vários problemas sociais e econômicos que respondem por estes altos níveis de violência no âmbito escolar, mas também a educação tem grandes contribuições para que esse mal esteja presente na sociedade, tanto nas escolas como nos lares. Goleman (1995, p. 247) confirma esse fato:

“Os educadores, há muitos perturbados com notas baixas dos alunos em matemática e leitura, começam a compreender que existe uma deficiência diferente e mais alarmante: o analfabetismo emocional. E embora se estejam fazendo esforços louváveis para elevar os padrões acadêmicos, essa nova e perturbadora deficiência não está sendo abordada no currículo escolar padrão.”

Naturalmente, esse modelo tradicional educativo que estava alicerçado nas antigas verdades sobre a educação também precisa ser reconsiderada, repensado e reanalisado por especialistas nas áreas, é certo que não podemos fazer educação nos dias contemporâneos com preceitos do século passado. Nesse sentido, cabe a contribuição de Filliozat (1998, p. 17):

“Todo sistema educativo tem que ser revisto. Orientado pelo QI, ele não prepara nossas crianças para a vida do amanhã. É preciso criar espaço para as emoções, levar em conta o desenvolvimento social e afetivo. A inteligência do coração tem necessidade de se alimentar de conhecimentos, de saber fazer e saber ser, da mesma maneira que

as outras inteligências.”

Com esse comentário, conclui-se que é preciso que as pessoas tenham o conhecimento sobre a educação emocional e ela seja ensinada, desenvolvida e principalmente praticada com naturalidade nas escolas, para que esse aspecto da complexidade humana possa ser contemplado e expandido na sociedade e que esses jovens que tiverem acesso ao conhecimento emocional possa ser multiplicador dessa inteligência emocional na sua vida e na vida dos que o cercam.

De acordo com Alzina (2003) a inteligência emocional precisa ser trabalhada na escola como a Educação Emocional e esse deve ser um processo contínuo de aprendizagem ao longo da vida escolar, podendo ser considerada como uma maneira de precaução, uma vez que previne ou diminui a vulnerabilidade diante de casos diferentes.

Nesta perspectiva, aumenta a possibilidades de comportamentos construtivos e positivos diminuindo os de caráter destrutivos e negativos. Todos as pessoas podem estar sujeitas a ter pensamentos e comportamentos agressivos relativos a si e aos outros, o que pode levar a que ocorram toxicodependências, depressões, automutilações, desordens alimentares, *stress*, ansiedade, etc.

A inteligência emocional na escola promove o desenvolvimento integral do indivíduo, enquanto ser individual e social, baseando-se em adquirir e manter competências sociais que devem ser aprendidas e aplicadas no ambiente escolar e consequentemente fora dele.

Alzina (2000) defende ainda que pode ser complexo ter um pensamento condizente quando se vivenciam determinadas situações consideradas problemáticas. É necessário que se aprenda a equilibrar os sentimentos e emoções pessoais para que não se reaja reativamente e para que não ocorra um comportamento por condicionamento clássico.

Uma pessoa emocionalmente inteligente é aquela que tem uma atitude positiva perante a vida, sempre valorizando aspectos positivos sobre os negativos, estabelecendo um equilíbrio entre tolerância e exigência, é uma pessoa que está consciente das próprias limitações e dos outros. É capaz de reconhecer, controlar, administrar e expressar os seus sentimentos e emoções, integrando a parte cerebral do campo da emoção com a parte cognitiva deixando o cérebro em equilíbrio. É alguém que é capaz de superar adversidades e frustrações, ajustando se necessário

objetivos definidos.

Segundo Fernández (2002) é de suma importância o desenvolvimento da inteligência emocional nos docentes, pois isso trará um resguardo do stress docente. Ele se transforma no exemplo e promove a inteligência emocional dos alunos e estes certamente, terão recursos básicos para administrar as suas emoções.

A carreira docente é cheia de contratempos emocionais, não é fácil lidar com vários alunos em um mesmo ambiente, isso gera várias situações onde a carga emocional é grande e precisa ser administrada de uma forma precisa, adequada para cada caso. É notório que os governantes não estão muito interessados na saúde mental dos docentes, não há ainda políticas públicas, nem tão pouco formações continuadas que abordem esse tema. Gallego, Alonso e Honey (2003) citam os cinco pilares da inteligência emocional e suas consequências educativas, são eles:

“a) Autoconsciência, a introspecção e o reconhecimento dos pontos fracos e fortes, a confiança em si mesmo. É importante que os docentes tenham consciência dos seus processos emocionais, já que é um modelo que influi no processo de aprendizagem dos alunos; b) Autocontrole, a observação e percepção das emoções influi posteriormente no processo de enfrentamento. As estratégias utilizadas pelos professores para as situações de carga emocional podem ser suportadas, minimizadas, aconselhadas ou evitadas. O autocontrole pode ser ensinado ou aprendido e deve converter-se em um objetivo pedagógico; c) Automotivação, motivação própria. Os docentes devem lutar perante a adversidade, ser persistente no esforço e lutar para atingir as suas metas; d) Empatia é a base de todas as interações sociais. A capacidade de assumir o ponto de vista do outro e a sensibilidade frente aos sentimentos dos demais. e) Habilidades sócias, capacidade de atuar entre os alunos, professores e membros da sociedade escolar de maneira positiva, eficiente e produtiva” (GALLEGO, ALONSO e HONEY, 2002 p. 55).

Os protagonistas do ambiente escolar são o professor e o aluno, e são eles que têm a responsabilidade de transferir e multiplicar os conhecimentos, a aprendizagem, o ensino, e as diversas mudanças no âmbito escolar. As bases interacionistas correspondem com uma abordagem aqui discutida, visto que projetam no ser humano um resultado de um processo contínuo de construção, desconstrução e reconstrução nas e pelas interações sócias.

A todo tempo, discente e docente estão se encontrando, se relacionando e conseqüentemente se transformando ao perceberem os objetos de conhecimento. Segundo a psicopedagoga argentina Sara Paín, “tudo começa na triangulação do

primeiro olhar” (PAÍN, 1991 apud FERNÁNDEZ, 1990)

A Psicopedagogia se firma como área do conhecimento que compõe saberes particularizados para atender às demandas da sociedade contemporânea, em virtude de buscar o resgate da complexidade do processo ensino-aprendizagem, proporcionando a reflexão sobre as inter-relações e interdependências entre os diversos fatores envolvidos no campo do saber.

Uma das questões que mais favoreceram para desdobramento do constructo de inteligência emocional foi o conceito de emoção (REGO ET FERNANDES, 2005). A emoção pode ser determinada como uma proteção das reações e alterações fisiológicas que ocorrem no organismo, e o sentimento como exposição e a tomada de consciência dessas alterações (DAMÁSIO, 2003).

A comunicação humana tem um espaço importante quando associada as emoções, dependendo do grau de intensidade de como se configurou as emoções, às vezes ficamos até sem palavras para traduzir um sentimento, um depoimento ou até mesmo um simples diálogo carregado de emoção.

Segundo Mora, 2013, o pensamento platônico defendia que a tarefa principal da escola era a de ensinar aos jovens a encontrar o deleite nas atividades de aprendizagem, de forma como todo ensinamento tinha de obter uma base emocional.

Nos dias contemporâneos a neurociência sustenta que o princípio da aprendizagem é a emoção, que sem ela não há curiosidade, não há atenção, não há memória. Nesta perspectiva, é importante salientar o papel do professor com relação as emoções dele que serão repassadas para seus alunos, é a magia do aprendizado, deixar os jovens apaixonados pela matéria, pela aula e fascinados por estudar e descobrir as novidades daquele estudo.

A escola é também contribuinte para uma educação de valores e muitas competências para desenvolver a convivência e precisa trabalhar as emoções nos momentos de hostilidade que ocorre no espaço educativo. “A verdadeira inteligência emocional é o que une o emocional e o cognitivo, e a sua harmonia é que garante o seu desenvolvimento eficaz para enfrentarmos qualquer situação da vida” (GALLEGO ET GALLEGO, 2004, P 83).

Todo ambiente onde há pessoas existe conflitos, é natural, e no ambiente escolar isso não é diferente, mas é preciso lidar com as situações conflitantes de maneira sabia e assertiva, a escola, a gestão e os professores necessitam dessa maturidade emocional para resolver situações corriqueiras nesse espaço educativo.

Uma escola onde tem a gestão de emoções tem maior probabilidade de sucesso. Dessa forma as emoções são determinadas para a qualidade de vida, ajudando a descoberta e a compreensão de nós mesmos e dos outros, executando um papel importante nos nossos relacionamentos de modo geral (EKAMAN, 2012).

A inteligência emocional tem sido assunto importante nas investigações pela classe científica, pela grande evidência da sua influência no sucesso pessoal e organizacional. Em 1990 o conceito de inteligência emocional foi desenvolvido pela primeira vez, por Peter Salovey e John D. Mayer que redefiniram as inteligências pessoais de Gardner, mapearam o modo de trazer às emoções, adotando o conceito de inteligência emocional.

De acordo com Mayer e Salovey (1997), inteligência emocional é o conjunto de quatro capacidades diferentes que conversam entre si: a percepção emocional, a facilitação emocional do pensamento, a compreensão emocional e a gestão emocional, com a finalidade de oportunizar melhores emoções e pensamentos.

Esse estudo tem grandes contribuições teóricas retiradas da obra *Emotional Intelligence*, a inteligência emocional do ph.D Daniel Goleman, que foi divulgada em 1995 e conquistou milhares de brasileiros, com grandes níveis acadêmicos e social. Goleman (2006) define inteligência emocional como a capacidade de identificar os nossos próprios sentimentos e os dos outros, de nos motivarmos e de gerir bem as emoções, dentro de nós e nos nossos relacionamentos.

Ele sintetizou o modelo original das dimensões da inteligência emocional em cinco domínios: “Autoconsciência- conhecer as nossas próprias emoções, reconhecer um sentimento enquanto ele está a acontecer- é a parte fundamental para a inteligência emocional, crucial a introspecção psicológica e o autoconhecimento. “Autodomínio- Domina o interno, vem da essência e tem base altruísta, lidar como nós mesmos, adiar a recompensa e dominar a impulsividade. Consciência Social- reconhecer as emoções dos outros é a empatia, outra capacidade que nasce da autoconsciência, é a mais importante aptidão pessoal e Gestão das Relações – gerir relacionamentos está na base da liderança e eficácia interpessoal”. (GOLEMAN, BOYATZIS ET MCKEE, 2007).

O saber conduzir as emoções nos dirige para o controle das competências emocionais, que ao serem administradas e entendidas permitirão em todo o ambiente escolar um meio mais salutar e rico em aprendizagem. Goleman (1999) defende que o ser humano emocionalmente competente reflete, no seu cotidiano, uma relação

mais positiva consigo mesmo e com os outros, do que aqueles que apresentam indícios de falta de domínio emocional. As características emocionais de um docente na relação pedagógica agregam emoções e comportamentos nos discente, e esta metodologia faz alusão para a importância significativa da educação emocional.

Para manter e potencializar a inteligência emocional dos docentes, é necessário prepará-los, por meio de programas de formação continuada, essas formações precisam abordar esse assunto que envolve a mente, a psique e conseqüentemente a saúde dos professores, e eles também precisam ser preparados para atender a clientela/ alunos que chegam muitas vezes com distúrbios emocionais e que atrapalham o andamento das aulas, não estou dizendo aqui que o professor vai ser um terapeuta ou psicólogo, mas ter pelo menos o mínimo de conhecimento sobre a inteligência emocional poderá ser um divisor de águas na competência da convivência.

Muitas vezes quem precisa de um apoio nesse campo é mesmo o docente por várias coisas que aconteceram na vida pessoal ou até mesmo profissional, o fez aquela pessoa, às vezes fria, às vezes mal humorada chegando a um estado patológico e fazendo com que esse profissional se afaste antes do tempo da carreira, gerando assim outros problemas mais graves de saúde.

Vários estudiosos da área (BARRANTES -ELIZONTO, 2016; BISQUERRA E RENOM, 2007; FERNÁNDEZ-BERROCAL E EXTREMERA, 2002 E SÁNCHEZ, 2014) sustentam vários motivos para implantar programas de educação emocional, sabendo que as competências sócio emocionais são cruciais do desenvolvimento humano. De forma a regulamentação das emoções como forma de prevenção comportamentais de risco e também a necessidade de um preparo emocional para solucionar situações imprevisíveis e difíceis de apaziguar no ambiente escolar (Barrantes- Elizondo, 2016).

“As emoções estão intrinsicamente ligadas com o conflito, ou seja, despertamos as emoções com o conflito e este, por sua vez, também as estimulam. Elas cruzam os vários subsistemas: psicológicos, fisiológicos, cognitivos, motivacionais e experienciais, os resultados são causados a partir de um evento qualquer, seja externo ou interno, que tenham caráter positivos ou negativos para a pessoa e as emoções diferenciadas de conceitos ligadas a humor pela intensidade com que elas ocorrem” (MAYER, SALOVEY 1990).

Em outras épocas, as emoções eram vistas como aspectos desestruturastes da atuação cognitiva, entretanto, na contemporaneidade, as pesquisas da

neurociência comprovaram que as emoções são adaptadas na cognição, tanto no processo quanto nos assuntos dos pensamentos.

Elas traçam um papel fundamental nas funções de aprendizagens e do comportamento do nosso cotidiano, incluindo a memória e a tomada de decisão, bem como em transtornos neurológicos, cognitivos e psiquiátricos; no entanto, apesar desses indícios mostrarem em pesquisas e estudos científicos, a sua influência científica tem sido tácita (FORGAS,1991 *apud* PRIMI, 2003).

Hoje em dia é evidente que a inteligência e a emoção consistem em ações do organismo e estão ligadas ao comportamento da mente, que ajudam o organismo a se adequarem ao meio (PRIMI, 2003). Para Mayer (1990), cada pessoa tem habilidades com intensidades diferentes, que vai do máximo para o mínimo, para saber lidar e adaptar as emoções, assim a inteligência emocional tem como referência à capacidade de processamento de informações emotivas de modo a servir-se positivamente no desenvolvimento de adaptação.

“O construto de inteligência emocional organiza conceitualmente os achados da literatura referente às diferenças individuais ligadas ao processamento da informação afetiva nas ações adaptativa, pois vários problemas intelectuais possuem conteúdo afetivo que deve ser processado puramente cognitivas, sem conteúdos afetivos” (MAYER; SALOVEY,1993, p.33).

Dessa forma, a educação emocional sustentada no desenvolvimento da inteligência emocional é uma estrutura essencial nos métodos de mediação e gestão de conflitos, por deter o emocional do todo, que permeiam o ambiente de interação social e educativa.

O trabalho em equipe, a existência de canais abertos de comunicação, a cooperatividade, o saber escutar e dizer o que pensa – fundamentam a inteligência emocional- Nesta ótica, tais processos geram um ambiente escolar positivo, ajudando concomitantemente a aprendizagem e contribuindo para a menor incidência de comportamentos destrutivos nesse meio (SÁNCHEZ,2014).

A inteligência emocional perpassa pela psicopedagogia, uma vez que esses campos de entrelaçam para juntos explicarem e tratarem do comportamento do ser humano para com o outro. É de extrema importância que professores estejam em dia com seu grau de inteligência emocional para um bom desempenho tanto na vida profissional, quanto na vida pessoal, já que caso isso não esteja bem resolvido possa

afetar com rigidez a saúde do docente.

Já existem vários estudos que usam a inteligência emocional como estratégia de prevenção contra doenças do campo emocional no ambiente de trabalho, em especial a Síndrome de Burnout. O emprego é um lugar onde a atividade de trabalho pode preencher uma parcela grande de tempo de cada pessoa e de seu convívio em sociedade, e muitas vezes o trabalho vira a segunda família.

Dejours (1992) afirmava que o trabalho nem sempre possibilita realização profissional. Pode, ao contrário, causar problemas desde insatisfação até exaustão. As transformações econômicas, jurídicas, sociais e organizacionais executam profunda influência sobre o processo de saúde adoecimento e a qualidade de vida nos contextos laborais (BORGES *et al*, 2002; GALINDO *et al*, 2012).

Por tudo que foi supracitado, é necessário se instruir o docente para adotar a inteligência emocional no cotidiano escolar. Antunes (1997) revela que a educação contemporânea sugere que os profissionais ligados a educação devem praticar a inteligência emocional, como: tomar decisões assertivas sobre determinada situação, gerenciar conflitos de forma criativa e com êxito, com participação de um trabalho de equipe dentro e fora do ambiente escolar.

O exercício docente acarreta atividades tais quais, a estimulação dos sentimentos de afeto e a administração das emoções positivas e negativas precisam ser controladas da melhor forma possível para não haver rupturas emocionais em ambos os lados professor/aluno. Para Valle (2006), um ambiente escolar e de trabalho onde são desenvolvidas as competências socioemocionais e onde os conflitos são gerenciados de forma assertivas pode desenvolver mecanismos de aprendizagens mais produtivos. Mayer e Salovey referem que:

“... a Inteligência Emocional é a capacidade para perceber, avaliar e expressar as emoções com exatidão, a capacidade para aceder e/ou gerar sentimentos que facilitem o pensamento; a capacidade para compreender emoções e o conhecimento emocional e a capacidade para regular as emoções promovendo um crescimento emocional e intelectual” (MAYER; SALOVEY, 1997, p.76).

Nesta perspectiva, vale salientar que os gestores também precisam ter essa sensibilidade de abraçar a educação emocional em suas escolas e assim usufruir de experiências positivas na construção de suas propostas curriculares. Os docentes podem desenvolver em pequenos espaços de tempo alguns assuntos necessários

para o desenvolvimento emocional. Para isso, devem aproveitar situações de conflitos do cotidiano ou até mesmo constrangedoras, como o *bullying* por exemplo.

As situações de satisfação e alegria da turma podem e devem servir de motivação para o compartilhar das emoções. Os fatos que ocorrem no cotidiano da escola podem servir de base para o desenvolvimento das temáticas relacionadas com a educação emocional, pois ambos: professor/aluno aprenderão como os exemplos vivenciados na sua própria realidade.

Os docentes que tiverem essa sensibilidade de saber trabalhar a inteligência emocional dos alunos, podem fazer com que os alunos reflitam sobre suas emoções, motivando-se a nomearem os seus sentimentos. Acredita-se que o docente pode iniciar com os alunos o exercício de reconhecer seus próprios sentimentos e dos outros. Deve mostrar-lhe com exemplos concretos como se desenvolvem atitudes de empatia. Cabe aqui o comentário de Goleman (1995, p. 279):

“É assim que o aprendizado emocional se entranha; à medida que as experiências são repetidas, o cérebro reflete-as como caminhos fortalecidos, hábitos neurais a aplicar em momentos de provação, frustração, dor. E, embora a substância cotidiana das aulas de alfabetização emocional possa parecer banais, o resultado – seres humanos decentes – é mais crítico que nunca para nosso futuro.”

A escola, em especial, deve acreditar na formação de competências sociais e emocionais, pois é o local onde as crianças e os jovens passam a maior parte do seu tempo, constituindo um dos maiores agentes de socialização. O docente com competência emocional tem de ter o perfil adequado para tal e frequentar formação nesse sentido, tem de sentir-se bem consigo e ser desinibido para falar acerca de sentimentos.

Atividades com a proposta da inteligência emocional devem ser realizadas nos intervalos ou reuniões com os pais e devem ser complementadas com a inclusão de toda a escola, desse modo, exerce-se uma educação emocional conjunta escola-família o que vai potencializar a educação para a literacia emocional.

As dificuldades em relação a implementação podem estar ligadas à dificuldade que alguns professores podem sentir na abordagem de temas pessoais e subjetivos, considerando que se tratam de assuntos particulares e familiares. Ainda pode ocorrer a oposição de alguns alunos por sentirem a sua intimidade invadida ou mesmo por sentirem que os temas não são particularmente interessantes para si.

Puurula et al. (2001) citado por Faria (2011) considera que deve existir uma alfabetização para as emoções, cuja finalidade é a educação para os sentimentos, crenças, atitudes e emoções dos alunos no sentido de melhorar as relações interpessoais e habilidades sociais.

Santos (2000) afirma que a Educação Emocional se sustenta no autoconhecimento do outro enquanto diferente de si permitindo um relacionamento mais harmonioso. Reforça a ideia de que na Educação Emocional se deve ter em especial atenção que as emoções e os sentimentos podem, ser opostos a um comportamento social adaptado, pela não adequação dos mesmos a contextos específicos. São as denominadas emoções negativas. Outro fator a considerar é a ruminação de pensamentos negativos, os quais interferem na adoção de comportamentos harmoniosos.

Para Alzina (2000) as emoções negativas como aquelas que são desagradáveis e impedem de atingir metas nas quais engloba: a ira, o medo, a ansiedade, a tristeza, a vergonha e a aversão. Por outro lado, define as emoções positivas como agradáveis e nesta inclui: a alegria, o humor, o amor e a felicidade. Para o autor a surpresa, a esperança e a compaixão são emoções ambíguas, na medida em que se configura a situação específica pode ser consideradas positivas ou negativas.

Tendo em vista essa perspectiva é de suma importância ressaltar que o papel da escola vai muito além da transmissão do conhecimento, pois é fundamental o fortalecimento das várias competências dos nossos jovens, elas irão construir uma vida saudável e produtiva numa sociedade marcada pela velocidade das mudanças. Motivação, perseverança, capacidade de trabalhar em equipe e resiliência, são algumas das habilidades socioemocionais indispensáveis na vida e no futuro dos nossos alunos.

Segundo as pesquisas bibliográficas realizadas pelo google acadêmico, muitos dos artigos que li, tinham nas suas considerações as vantagens que a inteligência emocional implica na vida de muitos alunos que já tinham contato com esse novo modelo de estudo numa escola.

E foi percebido que esses alunos que tiveram contato com a educação emocional apresentaram maior autoconsciência emocional, são mais capazes e seguros de gerir e controlar as suas próprias emoções, têm maior capacidade empática face ao outro e, ainda mais habilidade para gerenciar relacionamentos.

Um fato também muito importante é que indivíduos mais competentes emocionalmente têm maior tendência para obter melhores resultados escolares. Mais tarde, têm tendência a desempenharem melhor os vários papéis da sua vida: pais, profissionais, cônjuges, etc. (GOLEMAN, 2003)

Também há estudos que consideram que por meio da realização de programas escolares em que a inteligência é aplicada rendimento escolar melhora substancialmente. (MORALES E LÓPEZ-ZAFRA, 2009). ALZINA 2000, defende que a nível pessoal apresenta-se um aprimoramento nas competências sociais e nas relações interpessoais, um melhoramento ao nível do rendimento escolar, aumento da autoestima e uma melhor adaptação ao meio escolar, familiar e social.

Todavia há uma diminuição de sentimentos negativos, de pensamentos autodestrutivos, de desordens alimentares, de expulsões da sala de aula, das condutas antissociais e agressivas, assim como, da iniciação ao consumo de drogas. O autor defende ainda que, para além da prevenção do insucesso escolar, uma Educação Emocional pode prevenir situações de danos na saúde física e mental do indivíduo. Um conhecimento emocional melhora substancialmente a prevenção de doenças, pois aprende-se a lidar com situações geradoras de tensão de uma forma mais adequada. Quanto custa um aluno com analfabetismo emocional, ele pode custar muito caro para a sociedade, lembro do último massacre numa escola, foi o caso o de Realengo, é nítido que a violência nas escolas vem aumentando a cada ano. Nossa legislação é muito omissa para a punição dos jovens infratores, que muitas vezes usam como desculpa e motivação o bullying, o Estatuto da Criança e do Adolescente, também é muito brando quanto se fala em punição de jovem infratores, a escola não tem força, nem voz para punir esses casos de agressão e muitas vezes chega a morte. Não se pode revistar uma mochila escolar, como saber se um aluno está portando uma arma, é realmente difícil para nós professores lidar com situações de extrema pressão psicológica no ambiente escolar. Na cidade de São Paulo é o local onde se concentra mais casos de agressões com professores e alunos, o que a sociedade e a comunidade escolar podem fazer para diminuir a violência nas escolas do país? Acredito que campanhas sobre o tema bullying, depressão e ansiedade são temas bastante interessante para criarmos rodas de conversa e escutarmos esses alunos.

## 2.7 HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS

De acordo com Cristina Favaron Tugas, Diretora Pedagógica do Centro Educacional da Fundação Salvador Arena (CEFSA): As habilidades socioemocionais pertencem a um conjunto de competências que o indivíduo tem para lidar com as próprias emoções.

“Essas competências são utilizadas cotidianamente nas diversas situações da vida e integram o processo de cada um para aprender a conhecer, conviver, trabalhar e ser”, explica a educadora. “Ou seja, são parte da formação integral e do desenvolvimento do ser humano. São habilidades que você pode aprender, praticar e ensinar.”

Muitos são as perguntas envolvendo a tarefa de (re)inserir as habilidades socioemocionais como intencionalidade no cotidiano escolar, no currículo e na vida dos docentes como ajuda na sua trajetória ao longo de toda vida em sala e aula. As competências socioemocionais servem para as pessoas aprenderem a colocar em prática as melhores atitudes e habilidades. Assim, conseguem gerenciar emoções, alcançar objetivos, demonstrar empatia, manter relações sociais positivas, tomar decisões de maneira responsável, entre outros.

A ideia de construir uma escola voltada ao desenvolvimento integral do ser humano ainda pode ser considerada algo bastante novo nos dias de hoje. Inclusive nos meios acadêmicos, as concepções teóricas que pressupõem inter-relações entre “emoção, cognição e socialização na aquisição da aprendizagem” começam ganhar espaço em meados do século passado. Com a chegada dessas teorias a escola ainda tem um longo caminho pela frente com essas concepções.

“A popularização da internet, no final do século XX, e dos instrumentos de busca e redes sociais, no início do século XXI, a globalização das economias, as novas organizações sociais do trabalho e as exigências postas pela redesenhada sociedade humana fizeram com que as inquietações e reflexões quanto ao processo de formação humana e o papel da escola ultrapassassem definitivamente os muros das universidades e alcançassem outros setores da sociedade, produzindo novos saberes e mobilizando iniciativas de pesquisas e projetos de diferentes ordens (ABED, 2014:107).

É visível que ainda estamos nos primeiros degraus do trabalho com as habilidades socioemocionais, podemos citar a “Summerhill” e as escolas

antroposóficas, escolas democratas- como exemplos de educação voltadas para o aprendizado de conteúdos que valorizam o aspecto cognitivo e interacional do ser humano.

Como sintetiza Neill, numa frase com que a filha Zoe encerra todos os seus e-mails: "Preferiria que Summerhill produzisse um varredor de rua feliz do que um primeiro-ministro neurótico". Uma definição de sucesso escolar para a qual o mundo talvez precise de mais 90 anos para entender.

Em contrapartida, muitos congressos e movimentos em prol da valorização das habilidades socioemocionais no processo educacional, tendo como meta o desenvolvimento de competências dos alunos tem sido observada em processos de avaliações de grande escala como o PISA (Programme for International Student Assessment) que tem a mesma finalidade do ENEM, que hoje busca o mesmo princípio da habilidade socioemocional.

De acordo com o evento promovido em março de 2014 pela OECD (Organisation for Economic Cooperation and Development) órgão internacional de avaliações escolares, Instituto Ayrton Senna (IAS), Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e MEC, Todos esses órgãos se encontraram no "Fórum Internacional de Políticas Públicas, que teve como tema: Educar para as competências do século 21, para compartilhar conhecimentos sobre as habilidades socioemocionais e fazer reflexões sobre os sujeitos do ambiente escolar: professores, alunos e família melhorarem o contexto de aprendizagem e progresso social.

"Acreditamos que as competências socioemocionais precisam ser incluídas em políticas públicas educativas ambiciosas e vamos sistematizar e financiar iniciativas que incentivem e desenvolvam as competências socioemocionais nos estudantes", afirmou Paim [José Henrique Paim, Ministro da Educação]. Viviane Senna complementou a reflexão ao afirmar que "Todos temos um currículo oculto com esses tipos de competências, um conjunto de habilidades que às vezes nem sabemos que temos, e o desafio é tornar esse conjunto visível e desenvolvido internacionalmente". (FÓRUM INTERNACIONAL, 2014: 1-2, apud ABED, 2014: 109).

## 2.8 AUMENTO DE DEPRESSÃO NOS JOVENS

O século XXI já é considerado o século de problemas na mente dos muitos jovens do Brasil, com a chegada e avanço da tecnologia, a internet 4G, os celulares

de grandes memórias e com funções avançadas, isso trouxe grandes conquistas para a geração Z. Entretanto, essas novas mudanças tecnológicas também acarretaram bagagens negativas para uma geração ansiosa, que quer tudo para ontem, pressa e desajustes são o lema dos jovens dessa geração. A depressão na infância, no passado não conhecíamos quase nenhum caso, hoje em dia aparece como uma grave preocupação na era moderna.

Todavia a incidência de ficar deprimido vai aumentando ao longo da vida, mas esse cenário irá mudar com o passar das décadas, pois cada vez mais cresce o número de jovens com problemas ligados a depressão. Na infância, a depressão tem aparecido cada vez mais cedo, em qualquer parte do mundo, segundo pesquisas realizadas em 9 países, e especialistas no assunto sugeriram várias hipóteses. Segundo o Dr. Frederick Goodwin, diretor do Instituto Nacional de Saúde Mental, disse: “Houve uma tremenda erosão da família nuclear: o dobro da taxa de divórcios, a redução do tempo que os pais têm para ficar, brincar e acolher seus filhos e o aumento da migração. Não somos mais educados conhecendo outros membros da família, além de pai e mãe. A perda dessas referências para a auto-identidade acarretam uma maior chance de ter e desenvolver a depressão.” Goleman, (2012, pág.258).

O percurso da depressão nos jovens muitas vezes vem do berço familiar, onde não são acolhidos, passam por agressões físicas, e pior de todas as psicológicas, são maltratados diariamente sem ter o direito de falar nada, é um ato de tortura, o lar deixa de ser um lugar que protege e passa a ser o lugar que agride. Isso na cabeça de qualquer pessoa gera um desequilíbrio emocional para o resto da vida daquele jovem que não se enxerga capaz de ser feliz, pois foi tirado dele a natureza de que nossa casa, nossa família são coisas boas e lugares seguros.

Segundo Goleman, as famílias precisam dar carinho e ensinamentos aos filhos de acordo com a época de agora, não se cria um jovem de hoje com ensinamentos retrógrados, não se pode comparar a educação emocional do passado com os tempos contemporâneos, é um erro fazer alusões com criações das épocas dos nossos avós. A forma de educar passa sempre por uma atualização a cada 10 anos, a cada década precisamos nos reinventar e procurar ler e entender as mudanças das gerações e os equilíbrios e desequilíbrios que ela sempre pode trazer.

De certa forma é pertinente entender que as emoções precisam ser tratadas, cuidadas, tantos casos de ansiedade com a geração Z, até pessoas bem mais velhas,

que não fazem parte dessa geração estão acometidas por esse mal, a ansiedade é um problema de saúde muito sério, que as autoridades negligenciam todos os dias, não vemos programas educacionais sobre essa temática nas escolas públicas.

A Câmara dos Deputados aprovou a inclusão de psicólogos e assistentes sociais entre os profissionais de educação contemplados pelo Fundeb. A medida foi incluída no Projeto de Lei 3418/21, que altera a regulamentação do fundo. Autora de uma das emendas sobre o assunto, a deputada Rejane Dias (PT-PI) afirmou que a atuação desses profissionais nas escolas, em equipes multidisciplinares, é de fundamental importância para o avanço na qualidade do ensino e da aprendizagem.

Já a autora do projeto de lei, deputada Professora Dorinha Seabra Rezende (DEM-TO), ressaltou que psicólogos e assistentes sociais atuam junto com professores na busca de uma educação pública de qualidade. “Nós aprovamos hoje este texto que dá segurança para os municípios na aplicação dos 70%, para saber quem são os profissionais da educação, saber como garantir que psicólogos e assistentes sociais estejam atuando na escola”, declarou. Fonte: Agência Câmara de Notícias.

### 3 METODOLOGIA

O conjunto de referências bibliográficas (citações) utilizadas na elaboração de um documento mostra relacionamento de um documento com outro, evidenciando "elos entre indivíduos, instituições e áreas de pesquisa" (Rodrigues, 1982, p.36). O referente estudo foi feito com pesquisas bibliográficas de artigos relacionados com o tema da Inteligência Emocional no Google Acadêmico e também pela leitura do livro "Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente" GOLEMAN (2012).

Entende-se por pesquisa bibliográfica a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. Essa revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, a qual pode ser realizada em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da Internet entre outras fontes.

Conforme esclarece Boccato (2006, p. 266),

a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

Para atingir os objetivos desse estudo foi utilizado como mecanismo de coleta de dados um questionário, em anexo) do Psicólogo Daniel Goleman, que tem como base os cinco pilares da Inteligência Emocional (autoconsciência, autorregulação, automotivação, empatia e habilidade social) essas perguntas foram transferidas para o google drive e enviadas pelo aplicativo de mensagens instantâneas do grupo do whatsapp institucional da escola, onde os docentes ficaram à vontade para respondê-lo quando fosse conveniente para cada um, então houve 32 docentes que contribuíram na presente pesquisa, na coleta dos dados foi percebido 33 respostas, todavia um mesmo professor respondeu 2 vezes, por engano, mas só foi contabilizado apenas uma por cada cadastro.

O questionário, segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido "como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões

apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

Foi solicitado aos participantes da pesquisa que ao término das respostas, cada um se tivesse interesse no feedback do questionário, que fosse preenchido com nome e o e-mail para a devolutiva em particular. Em referência com a problemática abordada, a pesquisa foi do tipo qualitativa.

De acordo com Ibáñez, Jesús (1992), pesquisa qualitativa é um tipo de método de investigação de base linguístico-semiótica usada principalmente em ciências sociais. Costumam-se considerar técnicas qualitativas todas aquelas diferentes à pesquisa estatística e ao experimento científico, isto é, entrevistas abertas, grupos de discussão ou técnicas de observação de participantes.

As pessoas, objeto deste estudo foram constituídas por 32 docentes da educação básica, especificamente do ensino médio da Escola Técnica Estadual, localizada na cidade de Gravatá no interior de Pernambuco, a escolha por essa unidade escolar foi o fato de não haver pedido de remoção dos docentes para outras unidades escolares, então isto me instigou a saber o porquê aqueles professores queriam permanecer na escola por tanto tempo, as relações de amizade e convivências, ressaltando as habilidades sociais da equipe foram o norte da investigação.

Já existe atualmente muitas pesquisas sobre a IE, todavia os considerados mais relevantes ao ambiente escolar e a vida profissional foram considerados mais pertinentes para o atual estudo, foram selecionados alguns como: Inteligência Emocional em Contexto Escolar Maria Valente e Ana Monteiro , 2016 (Revista Eletrônica de Educação e Psicologia), Medição da Inteligência Emocional e sua Relação com o Sucesso Escolar, Ângelo , 2007, ( Dissertação de Mestrado), Competência Emocional em Professores – Contributos da Psicoeducação, Lénea Coelho, 2012 ( Artigo Científico ), A Inteligência Emocional, como ferramenta na obtenção do sucesso profissional, Silvana Rosik, 2013 ( Monografia de especialização), Educação Emocional em Contexto Escolar, Ana Carneira, 2012 ( Revista eletrônica [www.psicologia.pt](http://www.psicologia.pt) ), O desenvolvimento da habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica, Anita Abed, 2014 ( Artigo Científico ) os mais expressivos, visto que a temática abordada nesta pesquisa já vem sendo estudada por muitos pesquisadores, todavia ainda estamos muito longe do ideal. Esses trabalhos foram

essenciais para o embasamento do estudo, pois só confirmaram minhas hipóteses sobre a importância da inteligência emocional no cotidiano escolar.

E isso se justifica nos resultados do corpo discente dessa escola, que de acordo com Índice de Desenvolvimento da Educação de Pernambuco (IDEP), que é o índice que avalia o desempenho da educação do Estado de Pernambuco e utiliza a mesma metodologia e o mesmo sistema do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

Ele é um indicador que conjuga ainda dois outros resultados importantes: a proficiência dos estudantes do ensino Fundamental (Anos Iniciais e Finais) e do Ensino Médio, que é o resultado do desempenho da aprendizagem desses alunos; e o fluxo escolar, que congrega a maior aprovação dos estudantes e a busca incessante para reduzir reprovação e abandono escolar.

A Escola pesquisada teve o melhor resultado das Escolas Técnicas na Gerência Regional Mata Centro (GRE), dentre as quatro Escolas Técnicas, A Instituição Escolar conquistou com a nota 6,73 o primeiro lugar no IDEPE da região Agreste Central no ano de 2018 e não posso deixar de citar o grande número de alunos que foram aprovados em universidades públicas, neste mesmo ano, com destaque aos cursos de Medicina e Direito, os mais concorridos do Estado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

## 4 RESULTADOS

A análise foi realizada com 32 docentes do ensino médio de uma Escola Técnica Estadual, situada na cidade de Gravatá, PE, 16 mulheres e 16 homens, e de acordo com as respostas do testes as idades eram variadas, 6 professores entre 20 e 30 anos, 10 docentes com idades entre 31 e 40 anos, 15 participantes entre 41 e 60 e apenas 1 com idade entre 61 e 70.

De acordo com a pesquisa, a relação com o tempo de serviço é percebido que 13 profissionais têm entre 1 a 10 anos de serviço, 8 docentes têm entre 11 a 20 anos, 9 professores entre 21 a 30 anos e 2 colegas já no fim da carreira docente entre 31 a 40 anos no ambiente escolar, esse tempo de serviço há uma certa influência no quesito inteligência emocional, os mais novos demonstraram um nível bom dos 5 pilares da análise e muitos dos que estão em fim de carreira apresentaram um ápice da inteligência emocional que tem 2 vertentes, ou está excelente ou precisam procurar uma ajuda de um profissional específico da área da saúde mental.

Os professores pesquisados apresentaram o grau acadêmico bem significativo, cinco deles possuem graduação, vinte e três possuem especialização e quatro dos entrevistados têm o curso de mestrado, é importante observar que o grau acadêmico demonstra mais controle emocional e conseqüentemente mais segurança na área específica de cada um.

De acordo com Grazziano e Ferraz (2010), afirmam que o trabalho é importante, possuir condições materiais e emocionais necessárias para exercê-lo com segurança e liberdade, além do reconhecimento do público pelo que se faz, estas são qualidades indispensáveis para garantir a motivação, compromisso e produtividade.

O desafio mental estimula o profissional psicologicamente diante das tarefas a serem executadas. As pessoas se sentem mais estimuladas e motivadas em atividades que exijam o uso de suas habilidades mentais; se o feedback pelo seu desempenho for positivo, sua satisfação profissional é elevada

Segundo Goleman (1995) mesmo que você tenha as capacidades que fundamentam a inteligência emocional, e se destaque em uma mais do que outra, é importante procurar oportunidades para desenvolver as demais. Isso aumentará seu potencial de liderança e melhorará a qualidade de vida de todos os seus relacionamentos, inclusive profissionais.

Para saber o nível de inteligência emocional de cada professor, foi utilizado um

teste com vinte perguntas, criado pelo psicólogo Daniel Goleman, esse teste foi digitado na plataforma do google drive e enviado para os docentes pelo aplicativo de mensagens instantâneas whatsapp.

Cada resposta gerava uma pontuação: por exemplo para uma resposta com a escolha da palavra “sempre” somava 5 pontos, a cada resposta com a escolha do “frequentemente” somava 4 pontos, a cada resposta com a opção “de vez em quando” somava 3 pontos, a cada resposta de com “raramente” somava 2 pontos e cada resposta com “nunca” somava 1 ponto. Depois de contabilizar todas as resposta de cada docente, foi possível gerar um gráfico para cada pilar (autoconsciência, automotivação, autorregulação, empatia e habilidades sociais).

Então dos 32 docentes que contribuíram para o estudo 28 preencheram o formulário para receber o feedback de como estaria o nível de inteligência emocional. Ficou claro pela quantidade de devolutivas a encaminhar que o tema abordado foi de suma importância e despertou o interesse dos professores, muitos ainda me responderam pelo e-mail ou mesmo Whatsapp agradecidos pelo resultado que foi muito significativo para eles.

Nesta perspectiva, 17 docentes apresentaram um nível bom de inteligência emocional, segundo o questionário em anexo 1 do Psicólogo Daniel Goleman, provavelmente esses professores sejam sensíveis às emoções dos que estão ao seu redor, eles têm um nível alto do pilar empatia com colegas, amigos, familiares e outras pessoas que fazem parte do seu ciclo social, eles também apresentaram um nível bom de consciência sobre o efeito do seu comportamento nos outros, elevando assim a autoconsciência.

Todavia, segundo o autor do questionário ser adepto a colocar as outras pessoas e suas necessidades a frente das suas é algo admirável, mas nem sempre será o melhor a se fazer. Não ter medo de se comunicar honestamente e mostrar seus sentimentos, desde que com habilidade. Este é um dos aspectos mais importantes para desenvolver a inteligência emocional.

De acordo com os resultados obtidos foi traçado 2 perfis da inteligência emocional do grupo dos docentes da escola em pesquisa, o primeiro foi dos participantes que fizeram a pontuação de 60 a 79 pontos. Essa pontuação segundo Goleman(1995) são de pessoas que tem um nível bom de inteligência emocional. São pessoas sensíveis às emoções daqueles que estão ao seu redor, colegas, amigos, familiares e alunos e este grupo de docentes tem consciência sobre o efeito do seu

comportamento nos outros.

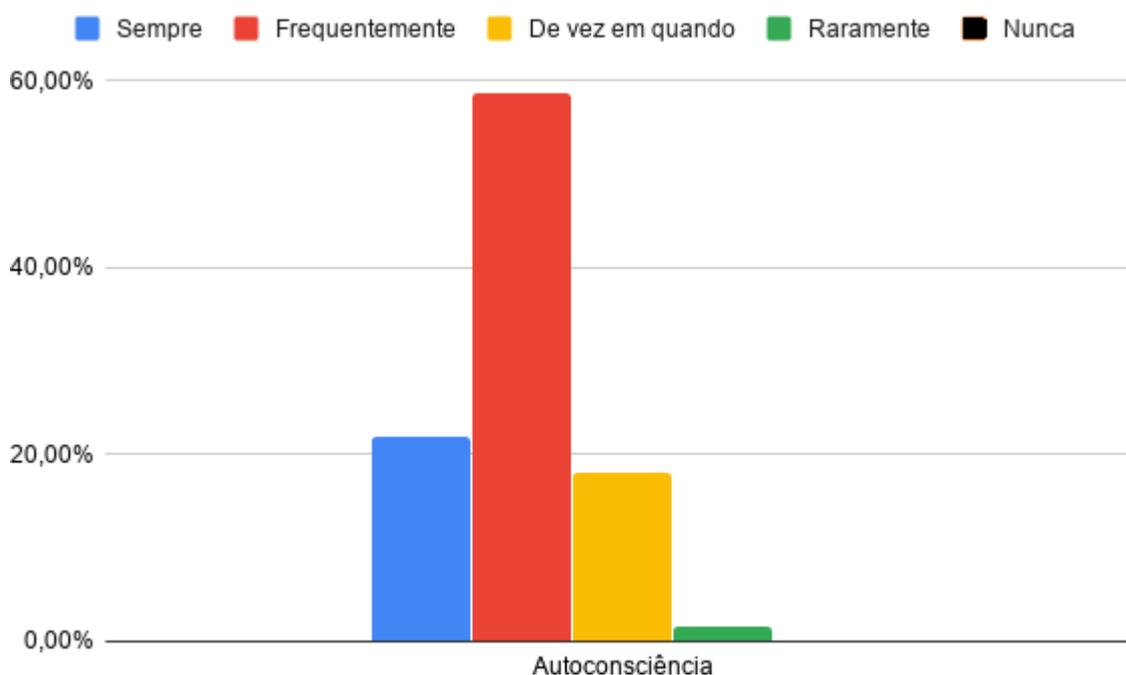
Outro grupo de 15 docentes apresentaram um nível maior de inteligência emocional, com pontuação variando entre 80 e 100 pontos, e com essa pontuação entende-se 2 perspectivas: ou o profissional tem um nível de inteligência emocional alto, ou baixíssimo.

Segundo o Psicólogo Daniel Goleman isso é possível, pois esse placar de 80 a 100 pontos reflete elevado grau de autoconhecimento, neste caso, o entrevistado está ótimo! Mas não deve parar de buscar novas oportunidades de aprendizado. Ou, pelo contrário: pode ser consequência de uma grande falta de autoconhecimento, porque é preciso ser autoconsciente para se avaliar com precisão. A autoconsciência é a capacidade fundamental da inteligência emocional, porque ela reflete diretamente nas outras. É preciso ter noção sobre si próprio para mudar qualquer comportamento. Então, ou o participante chegou ao topo, ou tem um longo caminho pela frente.

A pesquisa foi pautada pelos cinco pilares da Inteligência Emocional: O gráfico abaixo reflete o primeiro pilar, a “Autoconsciência”, que é a capacidade de reconhecer as próprias emoções, este gráfico foi baseado nas perguntas 1 (Você sabe identificar as emoções que sente?), 8 (Você sabe suas qualidades e defeitos?), 13 (Você utiliza as críticas para crescer?), e 18 (Você reconhece como seu comportamento afeta os outros?) do questionário em anexo.

O grupo dos docentes pesquisado, mostrou por meio deste gráfico que 21% dos que responderam ao questionário marcaram “Sempre” a opção da autoconsciência, 59% responderam que “Frequentemente” usavam autoconsciência no seu cotidiano e 18% declararam “De vez em quando” no quesito de ter autoconsciência com suas próprias emoções e apenas 1% mencionou que “Raramente” conseguia reconhecer esse pilar.

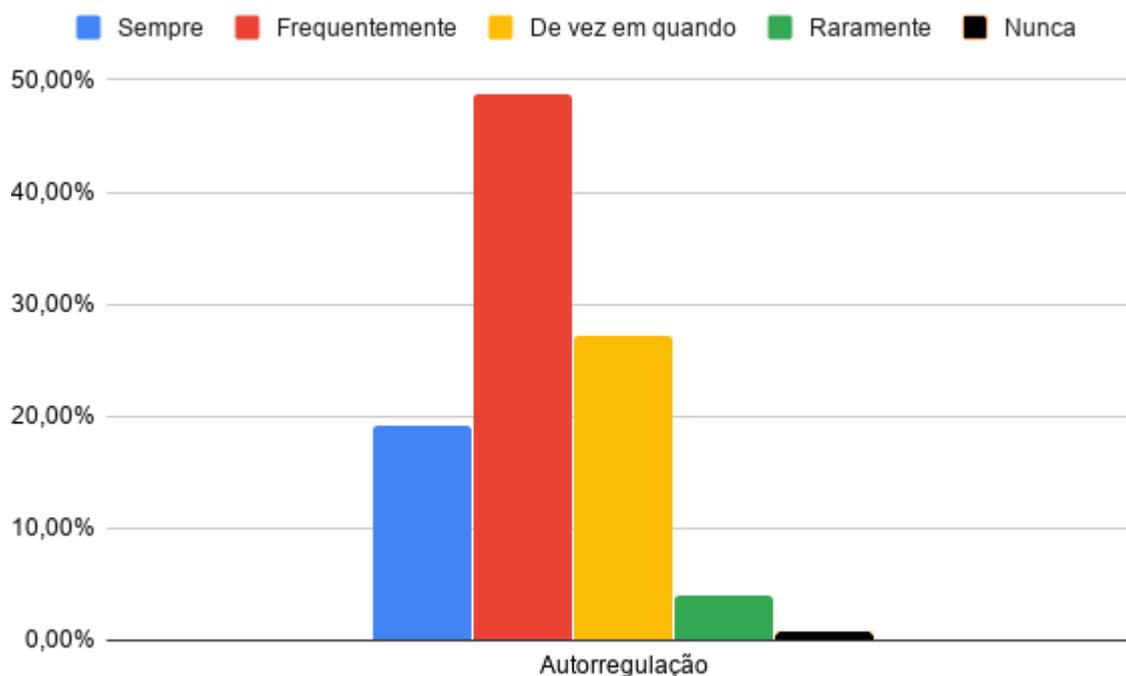
### GRÁFICO 1- AUTOCONSCIÊNCIA



Já o gráfico 5, o da “Autorregulação”, que é a capacidade de lidar com as próprias emoções, que é o controle das próprias emoções constitui-se em um aspecto protetivo para as pessoas, uma vez que auxilia no controle da impulsividade. A relação entre a impulsividade e o controle emocional é inversa, ou seja, quanto maior o controle emocional, menor a impulsividade e envolveu as perguntas 2 (Você sabe se acalmar quando se sente inquieto ou chateado?), 7 (Você consegue facilmente admitir que cometeu um erro?), 12 (Você consegue pensar claramente quando está sob pressão?) e 17 (Você supera facilmente o sentimento de frustração?) do questionário em anexo.

Com relação ao gráfico da “Autorregulação”, 19% dos docentes envolvidos no estudo responderam “Sempre” no questionário, 48% marcaram “Frequentemente” na suas respostas, 26% assinalaram “De vez em quando”, 6% optaram pelo “Raramente” e 1% marcou a opção “Nunca”, ou seja, uma boa parte dos entrevistados sabem controlar e ponderar seus impulsos perante suas emoções, uma parcela significativa também sabem usar esse pilar a seu favor, um ponto muito positivo no que se refere ao cotidiano escolar que por muitas vezes nos desafia com relação a autorregulação.

## GRÁFICO 2- AUTORREGULAÇÃO

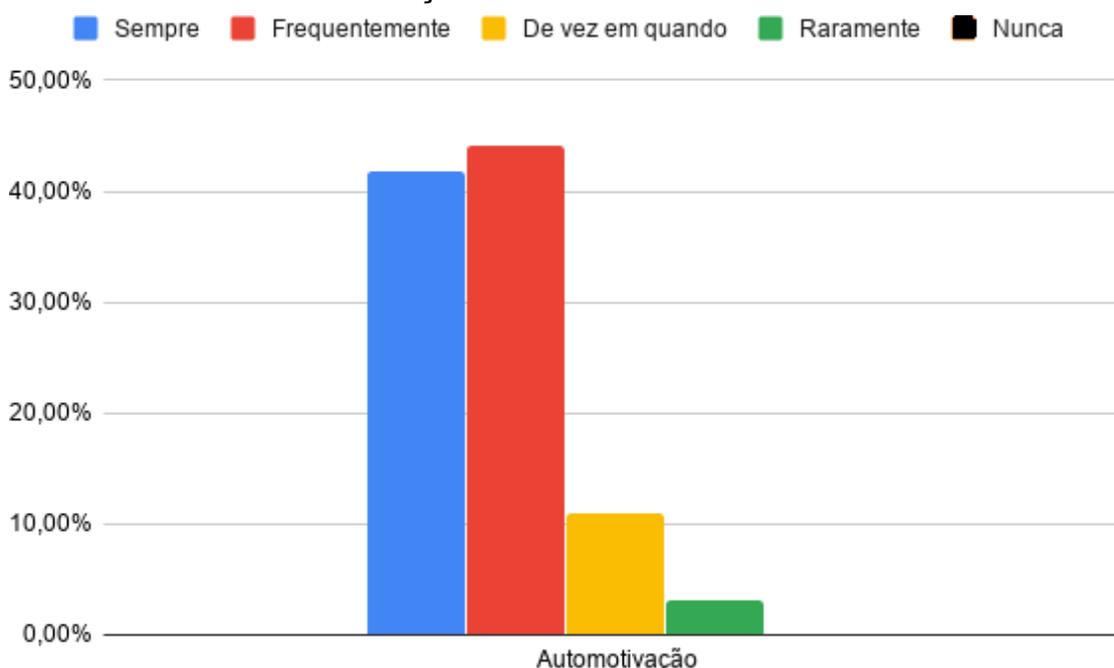


Fonte: Da autora

O gráfico 6 é referente ao pilar da “Automotivação”, que é a capacidade de se motivar e se manter motivado, suas competências são fundamentais não só para a evolução no mundo do trabalho, mas também para a nossa realização como seres humanos. Uma equipe com esse pilar é certamente uma equipe de sucesso, esse pilar é individual, mas imagina um grupo de docentes que tem essa inteligência emocional como destaque. Uma pessoa que tem automotivação estabelece metas para si mesma, assume riscos calculados, busca os meios para atingir suas metas, mantém-se firme para alcançar o que deseja e aprende a melhorar seu desempenho.

Então este gráfico, “Automotivação”, obteve maiores percentuais nas respostas com “Sempre” e “Frequentemente” em comparação aos outros, as respostas das perguntas 3 (Você define metas a longo prazo?), 6 (Você persiste na busca por seus objetivos, apesar dos obstáculos?), 11 (Você tem ânimo para atingir seus objetivos?) e 16 (Você se orienta pelos seus valores e objetivos?) do questionário em anexo, estão relacionadas a esse pilar da inteligência emocional, 42% das respostas destas perguntas foram “Sempre”, 44% delas foram “Frequentemente”, 11% escolheram “De vez em quando” e 3% “Raramente”.

### GRÁFICO 3 - AUTOMOTIVAÇÃO

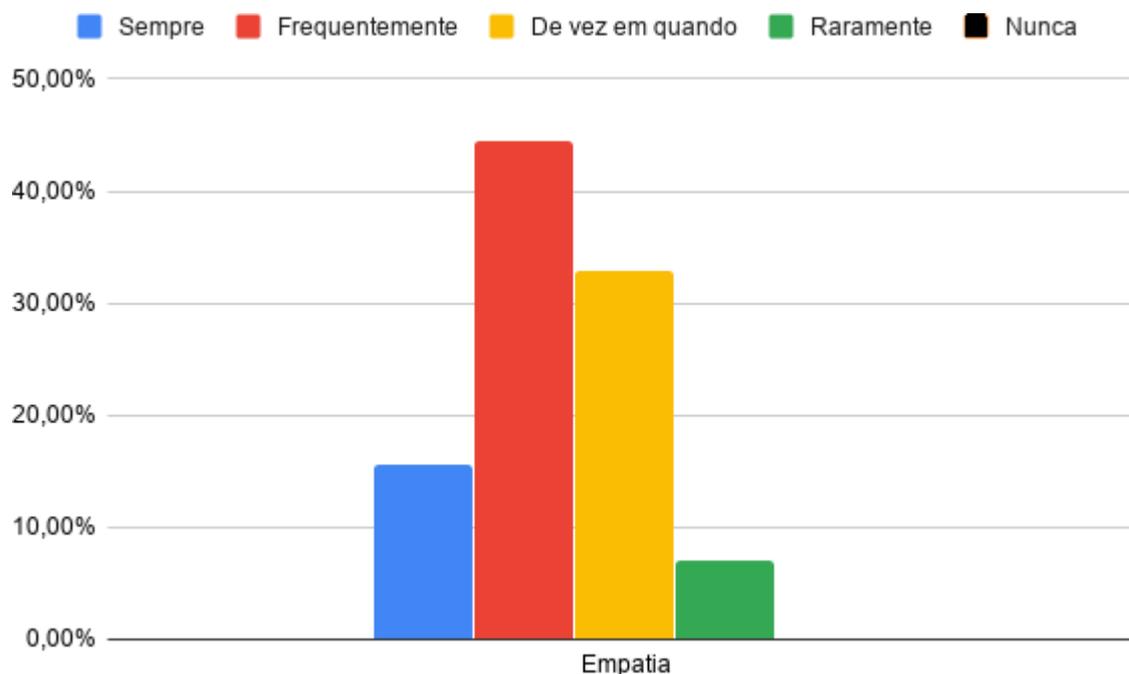


Fonte: Da autora

O próximo gráfico, o 7 se refere ao pilar o da “Empatia”, que é a capacidade de enxergar as situações pela perspectiva do outro, a empatia parte da aceitação, de compreender que os sentimentos de uma pessoa são possíveis na situação que ela encontra-se, mesmo que se fossemos nós na mesma situação tivéssemos outra atitude. A empatia de acordo com o questionário abrangeu as perguntas 4 (Você procura entendimento mútuo nas questões), 10 (Você tenta enxergar as situações pela perspectiva dos outros?), 14 (Você acha fácil ler as emoções dos outros?) e 19 (Você consegue ouvir sem julgar?) do anexo.

As respostas sobre esse pilar “Empatia” do grupo de participante da pesquisa foram de 16% para a resposta com “Sempre”, 44% responderam “Frequentemente”, 32% “De vez em quando” e 8% “Raramente” sobre o que foi perguntado nos itens 4, 10, 14 e 19 do questionário (anexo). Ficou notório pelo gráfico 7 que os docentes pesquisados têm um grau bem expressivo sobre o pilar da empatia, a coluna que mais houve destaque foi a de “Frequentemente”, ou seja, há uma constância no quesito de empatia e isso é muito positivo quando o assunto aborda professores que irão refletir nos seus alunos.

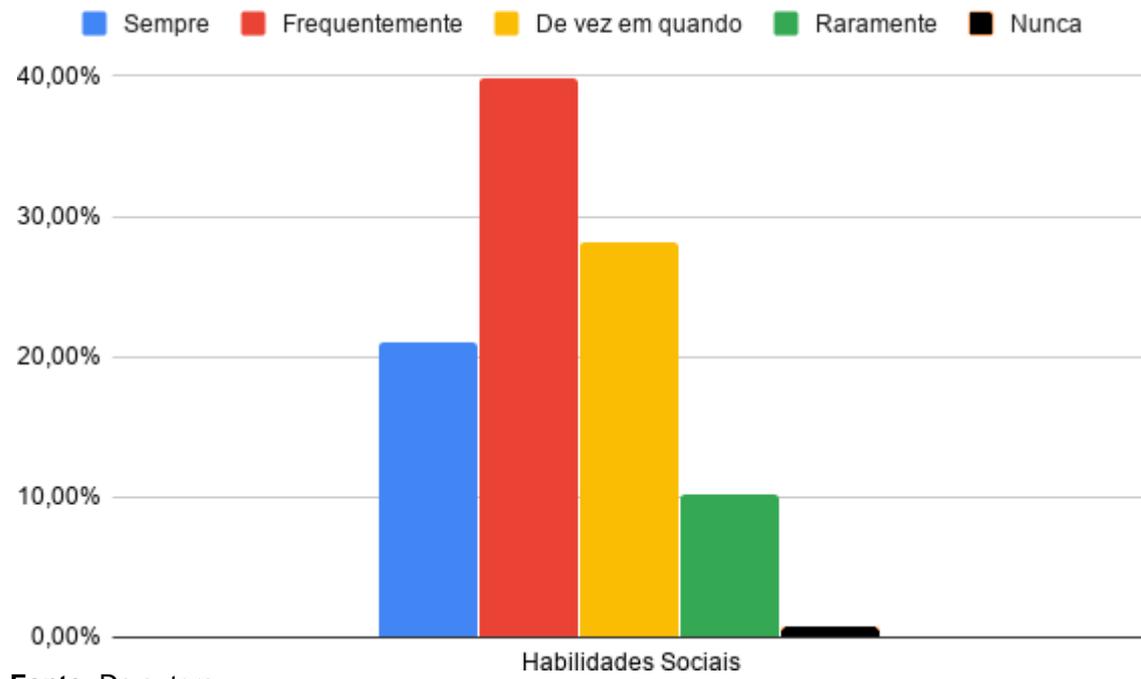
#### GRÁFICO 4 - EMPATIA



Fonte: Da autora

O último pilar, o das “Habilidades Sociais”, que representa o conjunto de capacidades envolvidas na interação do grupo, a escola é um espaço em que os relacionamentos interpessoais e intergrupais se desenvolvem e são complexos, por isso torna-se um ambiente favorável à aplicação do treino de habilidades sociais. Este pilar pode contribuir para a redução dos conflitos observados no cenário e a promoção de relações positivas, fundamentais para a qualidade das interações grupais (CORRÊA, 2008).

As respostas das perguntas 5 (Você é um bom ouvinte?), 9 (Você promove conversas difíceis para resolver problemas?), 15 (Você lida com pessoas e situações difíceis com delicadeza?) e 20 (Você presta atenção aos seus relacionamentos) tinham como foco as habilidades sociais e baseada nessas respostas dos participantes foi gerado o gráfico 8. Então 21% dos docentes marcaram “Sempre”, 40% responderam “Frequentemente”, 27% “De vez em quando”, 10% “Raramente” e 2% “Nunca”, no que se referia as questões de habilidades sociais, fica mais que claro que uma parcela significativa de profissionais está pronta para lidar com o público e fazem com louvor.

**Gráfico 5 – HABILIDADES SOCIAIS**

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do nível da inteligência emocional feita neste estudo, veio a comprovar que não é apenas da razão que se sobressai os melhores resultados de um determinado grupo ou equipe de trabalho, em particular de docentes, a emoção de como lidamos com as situações adversas do cotidiano têm um valor substancial na qualidade de vida das pessoas a nossa volta, na minha pesquisa bibliográfica, feito pelo Google Acadêmico, pude perceber alguns estudos com a mesma linha de pesquisa, Educação Emocional, não se pode afirmar mais que o quociente intelectual (Q.I) do ser humano é o único responsável pelo sucesso e conquistas no âmbito escolar.

Foi percebido também que a inteligência humana, em sua forma mais antiga, é paradoxal e enigmática, se avaliado do ponto de vista do quociente de inteligência, o ser humano é capaz de atingir metas inimagináveis. Entretanto, quando refletimos acerca da capacidade de autoconhecimento, autogestão e administração de relacionamentos, constatei, pela pesquisa realizada, que são grandes as possibilidades humanas, quando o quesito é inteligência emocional.

Na realidade foi comprovado, segundo os estudos realizados por psicólogos como Gardner, Mayer e Salovey que os melhores resultados são de indivíduos com um grande controle de suas emoções, mesmo que apresentem um Q.I mediano. Isso foi difundido por Goleman, posteriormente como seu livro Inteligência Emocional.

Foi possível verificar nesta dissertação a importância que Daniel Goleman representa neste assunto até os dias de hoje. Ele foi o responsável pela difusão da ideia da Inteligência Emocional como algo indispensável para o ser humano seja considerado realmente inteligente, unir o intelectual e o emocional é a base da inteligência na sua totalidade.

Com esta pesquisa, foi possível constatar que a Inteligência Emocional pode e deve ser usada como uma importante ferramenta na busca do sucesso no ambiente escolar e conseqüentemente na vida pessoal, por conta dos novos estudos que envolvem a temática e suas comprovações. Fica evidenciado que alunos que sabem lidar com suas várias emoções estão mais preparados nos dias de hoje, pois conseguem realizar coisas que quebram sua zona de conforto.

Em contrapartida, há também aqueles discentes que precisam de um acompanhamento de um profissional especializado, como um psicólogo em boa parte

da sua vida escolar, eles necessitam desse profissional para tentar pelo menos concluir os estudos e entrar no mercado de trabalho. É lamentável ver um jovem com crises de ansiedade e ataques de depressão, mas isso infelizmente é coisa muito comum nos dias de hoje na rede pública.

Nesta perspectiva é importante salientar que cada vez mais os jovens chegam com problemas de caráter psicológico nas escolas públicas do Brasil, é evidente que com esse crescimento, Segundo uma pesquisa feita pelo Instituto Datafolha em 2019, com 1056 estudantes das redes públicas do país baseada no Censo Escolar de 2019, foi constatada a falta de interesse dos discentes passou de 80% em julho. Os estudantes que tiveram mais dificuldades de manter a rotina escolar com atividades e estudos passou de 66%. O percentual dos que estavam tristes passou de 40% em julho. No mesmo período de tempo os irritados, ultrapassou o percentual de 47%. E a soma dos tristes, ansiosos ou irritados passou os 77%.

Os docentes em estudo apresentaram, segundo o questionário de Goleman em anexo, dois níveis de inteligência emocional, o nível bom e o nível ótimo, essa classificação mostrou-se o equilíbrio da equipe de trabalho da escola citada, todos os cinco pilares da pesquisa foram contemplados de maneira expressiva, mas o pilar da automotivação foi o divisor de águas para aqueles que responderam à pesquisa.

A escola pesquisada não trabalha a inteligência emocional em seu currículo, mas os professores apresentaram segundo o estudo um nível de inteligência muito boa no geral e equilibrada, então seria muito válido se as nossas escolas, no futuro próximo incluíssem habilidades de inteligência emocional que incentivassem os pilares da inteligência emocional, os benefícios pessoais para os próprios jovens também se refletiriam no declínio dos males sociais, da violência e ao consumo de drogas, que nascem em grande parte de déficits em habilidades como a lidar com impulsos e com emoções turbulentas.

Além disso, as comunidades seriam beneficiadas por níveis mais altos de tolerância, bondade e responsabilidade pessoal. Os líderes, gestores e os docentes deveriam incluir o essencial em matéria de inteligência emocional nos seus currículos. Como cita Erasmo, o grande pensador renascentista: “A melhor esperança de um país está na educação adequada da sua juventude”.

Conforme Goleman (2012), à medida que serviços baseados no conhecimento e no capital intelectual se tornam mais fundamentais para as escolas, melhorar a maneira como as pessoas trabalham em equipe será uma grande forma de influenciar

o capital intelectual. Para prosperar e ter sucesso, as empresas ou escolas deveriam desenvolver sua inteligência emocional coletiva.

De acordo com as leituras feitas no presente estudo, foi comprovado que um indivíduo emocionalmente controlado que saiba usar e dominar sua inteligência emocional, é e será mais bem sucedido, tornar-se líder mais de administrar sua vida como um todo, não será um mero replicador de informações, as escolas mais esclarecidas devem incentivar e apoiar esse tipo de educação, não apenas para fortalecer a liderança na sua própria organização, mas pela vitalidade de toda uma comunidade e os benefícios virão não só para uma nova geração, mas também para as famílias e para toda a sociedade.

Este resultado só vem a confirmar a atual pesquisa sobre como está a inteligência emocional da equipe docente, o pilar da automotivação obteve a maior equidade com relação aos demais pilares pesquisados, os professores dessa Escola trabalham em prol do mesmo objetivo e isso se configura pelos resultados obtidos nas avaliações externas.

É de suma importância que esses reflexos sejam levados em consideração quando falamos em educação e inteligência emocional, manter um ambiente harmonioso, o trabalho na escuta dos alunos, os projetos que envolvem problemas contemporâneos e sociais, servem como um olhar especial para o outro, a empatia nas atividades, mostrar aos alunos que a equipe escolar se preocupa e tem um tratamento humanizado para com seus corpos discentes e o resultado dessas avaliações externas é apenas o feedback dos alunos para a Escola.

Marujo e Neto (2004) fazem alusão à necessidade da revigoração das emoções positivas em meio escolar. Afirmam que as temáticas de formação de professores são frequentemente ligadas ao negativismo: violência, *stress*, insucesso, de outros. Se ter saúde é um bem-estar pleno em que primeiramente é necessário estar-se bem consigo mesmo, e não a simples ausência de doenças como se deve desenvolver emoções positivas em meio escolar? Os autores alertam para que cada escola é um caso único e, portanto, tem um clima emocional próprio. No entanto, que cada um contribui ativamente para manter ou modificar esse clima: quer pela expressão não verbal quer por aquilo a que se dá importância.

A sala de aula não é um ambiente terapêutico, todavia desenvolver habilidades emocionais na escola não diz respeito a diagnosticar ou tratar o que quer que seja. Refere-se, outrossim, a resgatar a multiplicidade de aspectos inerentes a qualquer

vivência humana.

A escola não pode negar a emoção, fazendo de conta que ela foi deixada em casa e deixando que “as coisas rolem naturalmente”, é necessário estar atento ao universo de sensações, emoções, sentimentos, pensamentos, ações presentes no processo ensino-aprendizagem.

No que diz respeito a análise das competências da inteligência emocional são mais presentes em cada ano do ensino médio da educação básica, pode-se perceber que mesmo que uma determinada competência seja comum as três etapas da educação básica, dentro de cada competência, professores de cada turma possuem determinados fatores, que compõe tal competência, mais desenvolvidas.

O ensino médio é a etapa que mais transparece nos alunos o cuidado com o emocional, são vários casos de crises de ansiedade, mutilações, baixa-autoestima e outros problemas ligados a mente e a emoção, o docente não pode ser confundido com um psicólogo, esta não é a função dele, mas lidamos com seres humanos, emoções boas e ruins, cada um com sua história de vida.

A escola precisa ser sólida e passar segurança emocional para esses jovens, somos o espelho deles, é preciso primeiramente cuidar da saúde mental e inteligência emocional dos docentes e eles serem os replicadores dessa inteligência para com seus alunos.

A análise do nível de inteligência emocional deste estudo foi feita pela visão dos docentes e ao término da pesquisa foi percebido que a partir dela novas pesquisas poderão ser feitas com a visão dos discentes com relação ao nível de inteligência de seus professores, a forma de como o professor se vê no que diz respeito a inteligência emocional é a forma como ele de fato visto pelos alunos, que ele leciona. Mas esta é apenas uma sugestão de novas possibilidades de pesquisas sequenciais para àqueles que se interessam pelo tema abordado.

Para desenvolver as habilidades socioemocionais na escola é preciso investir no professor, em formações continuadas que abordem a temática da inteligência emocional, para que ele construa em si as condições para realizar a mediação da aprendizagem de forma consciente e responsável, reconhecendo e atuando nas múltiplas inteligências e nos diferentes estilos cognitivo-afetivos dos seus alunos e de si mesmo.

É a paixão do professor pelo conhecimento e pela tarefa de ensinar que pode contagiar os alunos, despertando neles o desejo de se desenvolver e de aprender,

mas para que haja essa paixão interna dos docentes, eles precisarão estar em dia com sua saúde mental.

Dessa forma, é possível afirmar que a inteligência emocional pode ser alcançada por meio de vivências e esforço individual e coletivo, mas que isso requer, principalmente, persistência. Cabe-nos desenvolver no presente as ações mobilizadoras necessárias para dar à Educação e à Sociedade o que elas tanto necessitam: amor, equilíbrio, respeito ao próximo, valorização do ser humano e harmonia nas relações.

Diante destas perspectivas, foi possível observar que a verdadeira inteligência provém da combinação dos fatores que compõem habilidades técnicas e habilidades emocionais. E, assim como as habilidades técnicas podem ser adquiridas, as emocionais também podem ser conquistadas pelas pessoas que assim as desejarem. Buscar se conhecer e saber interpretar suas reações a cada situação é o primeiro passo, passando pela obtenção do controle de suas emoções e finalmente chegando até o desenvolvimento da empatia.

Vale a pena ressaltar, que o processo de desenvolvimento da Inteligência Emocional pode ser subestimado por algumas pessoas e, considerado por outras, algo complicado e difícil de ser conseguido na prática. Todavia, conforme o estudo apresentou, a Inteligência Emocional é essencial para o docente que deseja um sucesso duradouro, pois mesmo que o conhecimento técnico seja algo fundamental para o desempenho de nossas funções, são nossas habilidades emocionais que proporcionam uma sustentabilidade e excelência na vida escolar.

Uma maior implementação da Educação Emocional tem demonstrado ser uma forma eficaz de desenvolver competências pessoais que têm repercussões individuais e sociais de caráter positivo. Morales e Zafra (2009) ressaltam a importância da continuação de investigações relacionadas com a temática para que se entendam os mecanismos que explicam o aumento da eficácia pessoal e social quando da aplicação de programas de Educação Emocional em contexto escolar.

Considera-se que o presente estudo, poderá contribuir para uma reflexão urgente e análise essencial, relativamente a toda a organização do Sistema Educativo, seja no nível da identificação das variáveis preditivas da competência emocional e profissional, seja no nível do tipo de formação, que contemplem os cinco pilares da inteligência emocional para todos os profissionais que intervêm diretamente no contexto didático-formativo, nomeadamente dos professores. Para que assim

possamos sair de um modelo instrutivo-educativo pautado ao ser integral, favorecendo o desenvolvimento da inteligência emocional, tão necessária para o ser e para o mundo.

## REFERÊNCIAS

- ALZINA, R. (Coord.) (2000). **Educación y bienestar**. Barcelona: Editora Práxis, S.A
- ÂNGELO, I. S (2007). **Mediação da inteligência emocional e sua relação com o sucesso escolar**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa.
- ANTUNES, Celso. **Alfabetização emocional: novas estratégias**. 8. Ed. Petrópolis:Vozes, 2001
- A inteligência emocional na construção do novo eu**. Petrópolis: Vozes, 2000
- BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação**. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.
- CARDEIRA, A.R. (2012). **Educação Emocional em Contexto Escolar**, Artigo Científico. INUAF- Portugal. [www.psicologia.pt](http://www.psicologia.pt).
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Programa Nacional de fortalecimento dos Conselhos Escolares**. CADERNOS, 2004.
- Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <[www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)>. Acesso em: 20 nov. de 2019.
- Clube de Inteligência Emocional** Acesso a 8 de Setembro de 2019 em <http://www.intwligenciaemocionalnaescola.org/>
- DAMÁSIO, A. **O Mistério da Consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de Si**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- Damásio, A. (1995). **O erro de Descartes- Emoções, Razão e Cérebro Humano**. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Damásio, A. (2003). **Ao encontro de Espinhosa: as Emoções Sociais e a Neurologia do Sentir**. Mem Martins. Publicações Europa-América.
- FERNÁNDEZ-BERROCAL; RUIZ, **La Inteligência emocional em la Educación**. Universidade de Málaga, Espanha. Revista Electrónica de InvestigaciónPsicoeducativa. Número 115, Volume 6(2), 2008, pp: 421-436.
- GALLEGO, D, ALONSO, C. M.; J.; HONEY, P. **Los estilos de aprendizaza procedimientos de diagnóstico y mejora**. Madrid: Mensajero, 2002.
- GARDNER, HOWARTZ, LEE. **A Teoria das Inteligência Múltiplas**. Rio de Janeiro: Campus, 1985.
- GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas; A teoria na prática**. Porto Alegre: Artes

Médicas, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995

GOLEMAN, D. **Trabalhar com a Inteligência Emocional**. Lisboa: Temas e Debates, 1999.

GOLEMAN, D. **Inteligência Social: o poder das relações humanas**. São Paulo: Campus, 2006

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva 2012.

GOLEMAN, D. **O poder da inteligência emocional: como lidar com sensibilidade e eficiência**. Rio de Janeiro: Objetiva 2018.

GRIFFITHS, Anthony J. F. et al. **Introdução à genética**. Tradução de Paulo Armando Motta. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2002.

HOLDER, M.P.Q.(2017) **Inteligência Emocional: um estudo com professores da educação básica na rede pública e na rede privada de ensino, na cidade de Porto Seguro, a partir do uso da Escala Veiga Branco**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa. Portugal.

IBÁÑEZ, JESÚS (1992). **La guerra incruenta entre cuantitativistas y cualitativistas**. In: Román Reyes. **Las ciencias sociales en España: Historia inmediata, críticas y perspectivas**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid. 135 páginas. *Consultado em 2 de outubro de 2014*

MACHADO L.J.A.B. (2005) **Os saberes docentes na educação emocional, Revista Diálogo Educacional, Curitiba**.

MAYER, J., DiPaolo, M., & SALOVEY, P. (1990) **Perceiving affective content in ambiguous visual stimuli: A component of Emotional Intelligence**. Journal of Personality Assessment, 54 (3-4), 772-781.

MAYER, J. D. & SALOVEY, P. (1993). **Emotional Development and Emotional Intelligence: Implications for Educators**. New York: Basic Books.

MAYER, J.D. & SALOVEY, P. (1997). **What is emotional intelligence?** In P. Salovey & D. Sluyter (Eds), **Emotional Development and Emotional Intelligence: Implications for Educators**. New York: Basic Books.

MORA, F. Neuroeducación. **Solo se pode aprender aquell que se ama**. Madrid: Alianza editorial, 2013.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8 ed. São Paulo, SP: Cortez, 2003.

REGO, A.; Cunha, M. P.; Cunha R. & Cardoso, C. (2007). **Manuel de Comportamento Organizacional e Gestão**. (6ª edição). Lisboa: Editora RH.

ROSIANK, S. P. (2013). **A inteligência emocional, como ferramenta na obtenção do sucesso profissional**. Monografia de Especialização. Universidade Federal do Paraná.

SOTO, E. **Comportamento Organizacional: o impacto das emoções**. São Paulo: Thomson, 2004

SIQUEIRA, Mirlene Maria Matias, and Valquiria Aparecida Rossi Padovam. "Theoretical basis of subjective well-being, psychological well-being and well-being at work/Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho." *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 24, no. 2, 2008, p. 201+. Accessed 8 June 2020.

VEIGA BRANCO, M. A (2005). **Competência emocional em professores, um estudo em discurso do campo educativo**. Tese de Doutorado, Universidade do Porto, Porto.

Acuña, Beatriz e Bobadilla, Gonzalo. **The Emotional Leadership of Managers Applied to University Teaching Role**. 2nd International Conference on Education Reform and Modern Management (ERMM 2015); p. 128-130.

Alzina, Rafael; et al. **Atividades para o Desenvolvimento da Inteligência Emocional nas Crianças**. Ciranda Cultural; 2010.

Angelis, Joanna. **Autodescobrimento. Uma busca interior**. Leal; Salvador, BA; 1995.

Andre, Christophe & Lelord, Francois. **Autoestima**. Rio de Janeiro: Ed. Bestseller. 2006.

Arbinger, Fundação. **Resolvendo Conflitos**. A opção pela paz em organizações e famílias. Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2004.

Aristóteles. **Ética a Nicômaco**. Coleção: Os pensadores. Nova Cultural; São Paulo, SP; 1987.

Balona, Malu. **Autocura através da reconciliação**. Rio de Janeiro: Editora do IIPC, 2004.

Beauport, Elaine de; DIAZ, Aura Sofia. **Inteligência Emocional - As três faces da mente**. Editora Teosófica; Brasília, DF; 1998

Bíscaro, Waldir. **Maturidade e poder pessoal – caminhos do autodesenvolvimento**. E. Brasiliense; São Paulo, SP; 1994.

Boff, Leonardo. **Ética e eco-espiritualidade**. Campinas: Verus Editora,

2003.

**Bornstein, David. Como mudar o mundo: empreendedores sociais e o poder de novas ideias.** Record; Rio de Janeiro, RJ; 2005.

**Bowen, Will; Pare de Reclamar e concentre-se nas coisas boas;** Sextante; Rio de Janeiro, RJ; 2009.

**Boxall, Peter. 1001 livros para ler antes de morrer.** Sextante; Rio de Janeiro, RJ; 2010.

**Brown, Daniel. Arteterapia: Fundamentos.** Vitória Régia; São Paulo, SP; 2000.

**Buzan, Tony; Mapas mentais e sua elaboração: um sistema definitivo de pensamento que transformará a sua vida;** Cultrix; São Paulo, SP; 2005.

**Branden, Nathaniel; Auto-Estima – Como Aprender a Gostar de Si Mesmo;** 143p.; 38ª Ed. Saraiva; São Paulo, SP; 2001.

**Carnegie, Dale. Como fazer amigos e influenciar pessoas.** 45ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1995.

**Casarjian, Robin. O Livro do Perdão - o Caminho para o Coração Tranquilo.** Editora Rocco. 1995.

**Cerato, Sonia. Autopesquisa da Consciência - Caderno de campo do pesquisador.** Foz do Iguaçu: Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia, 2005.

**Connie. Palladino. Como Desenvolver a Auto-estima: Um guia para o Sucesso.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007.

**Corullon, Mónica. O que é voluntariado?** Disponível

em [http://www.voluntarios.com.br/oque\\_e\\_voluntariado.htm](http://www.voluntarios.com.br/oque_e_voluntariado.htm), Acessado em 18/08/2016.

**Cutler, H. C. e Lama, D. A Arte da Felicidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

**Delahaie, Patrícia. Amores Que nos Fazem Mal.** Larousse do Brasil. 2007

**Dowling, Colette. Complexo De Cinderela.** Editora Melhoramentos. 222p. 2002.

**Drucker, Peter. Desafios Gerenciais para o Século XXI.** São Paulo: Pioneira, 2001. 168 p

**Dutra, Denize. Curso de Desenvolvimento Pessoal.** Instituto MVC. MentorTecnologia. 2002.

**Edelman, Sarah. Basta pensar diferente. Como a ciência pode ajudar você a ver o mundo por novos olhos.** Fundamento; Curitiba, PR; 2014.

**Elkins, David N. Além da Religião** Editora: Pensamento. 2000.

**Emmett, Rita. Não deixe para depois o que você pode fazer agora.** Dicas práticas para organizar o seu tempo e se tornar produtivo. 2. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2003.

**Estes, Clarissa Pinkola . Mulheres que correm com os lobos.** Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

**Ferreira Junior, João Luiz. Autogerenciamento evolutivo através de Tecnologia Avançada – Planilhas evolutivas.** Anais da III Jornada de Autopesquisa Conscienciológica: Teática dos caminhos para a desperticidade; Rio de Janeiro, RJ;

10-12.06.04. Foz do Iguaçu, PR: Instituto Internacional de Projeciologia eConscien

**Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Básico.** São Paulo: J.E.M.M. Editores, 1988.

**Frankl, V. Em busca de Sentido.** Um Psicólogo no campo de concentração. Vozes, 2009

**Fromm, Erich. A Arte de Amar.** Editora: Itatiaia. 1966.

**Garcia, Juliana. Equilibrando prós e contras da vida.** Ferramenta ajuda a organizar o tempo e a curtir mais o dia-a-dia.

Disponívelem <http://www.personare.com.br/equilibrando-pros-e-contras-da-vida-m2154>, Acessado em 18/08/2016

**Gardner, Howard. Inteligências Múltiplas - Ao Redor Do Mundo.** Artmed. 2010.

**Gerzon, Robert. Encontrando a Serenidade na era da Ansiedade.** Traduzido por Heliete Vaitsman. Rio de janeiro: Objetiva, 1997.

**Gikovate, Flávio. Sobre estar sozinho.** Artigo disponívelem <http://flaviogikovate.com.br/sobre-estar-sozinho/>. Acessado em 18/08/2016

**Goldin, Alberto. Amores Freudianos.** Editora: Nova Fronteira. 1991.

**Goldin, Alberto. Freud Explica.** Editora: Nova Fronteira. 1989.

**Goleman, D. Inteligência Emocional.** A teoria revolucionária que define o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, Tradução revista em 2001 do original 1995.

**Goleman, D. Inteligência ecológica.** o impacto do que consumimos e as mudanças que podem melhorar o planeta. Rio de Janeiro: Campus, 2009.

**Gore, Albert. Uma verdade inconveniente.** Manole; Barueri; SP; 2006.

**Gouveia, Valdiney V. A natureza motivacional dos valores humanos :** evidências acerca de uma nova tipologia. Estudos de Psicologia, 2003, 8(3),

431-443.

**Harris, Russ. Liberte-se: evitando as armadilhas da procura da felicidade.** Nova Fronteira; Rio de Janeiro, RJ; 2011.

**Horney, Karen. Conheça-se a si mesmo (Auto-Análise).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

**Hurley, V. Kathleen e Dobson, Theodore E. Qual é o meu tipo? - Um estudo dos 9 tipos da personalidade humana.** São Paulo: Mercuryo, 1994.

**Kauati, Adriana. Autopesquisa, autoparapsiquismo e autociência.**

**König, Mauri. Os segredos da felicidade.** Gazeta do Povo. 2010. Disponível em <http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/os-segredos-da-felicidade-1ihwb0gonyc1kcs02fmshbiha>. Acesso em 24.10.2012.

**Kotsou, Ilios. Caderno de exercicios de inteligencia emocional.** Coleção Bem estar. Petrópolis: Editora Vozes. 2011.

**Lindbergh, Anne. Presente do Mar.** Sextante; Rio de Janeiro, RJ; 2009.

**Maathai, Wangari Muta. Inabalável: Memórias.** Traduzido por Janaína Senna. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

**Machado, César. Antivimização. Alicerce para a autoevolução.** Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2016.

**Mancini, Marc. Como Administrar seu tempo.** 24 Lições para se Tornar Proativo e Aproveitar Cada Minuto no Trabalho. Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2007.

**Marshal, Rosenberg. Comunicação não-violenta.** Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. Ágora; São Paulo, SP. 2006.

**Mascarenhas, M. e Hernandez, V. Projeto de vida para jovens.** Epígrafe; Foz do Iguaçu, PR; 2015.

**Mondin, Battista. Os valores fundamentais.** Bauru, SP: Edusc, 2005.

**Mota, Tathiana. Laboratório Concienciológico Pessoal.** Anais da III Jornada de Autopesquisa Cosncienciológica: Teática dos caminhos para a desperticidade; Rio de Janeiro, RJ; 10-12.06.04. Foz do Iguaçu, PR: Instituto Internacional de projeciologia e Conscienciologia, 2004.

**O'Kelly, Eugene. Claro como o Dia - Como a Certeza da Morte Mudou a Minha Vida.** Editora: Nova Fronteira. 2006.

**Pelizzoli, Marcelo. A emergência do paradigma ecológico.** Petrópolis: Vozes, 1999.

**Picard, Georges. Todo mundo devia escrever-** a escrita como disciplina do pensamento. São Paulo. Parábola. 2006.

**Pierrakos, Eva & Saly, Judith. Criando União.** Editora: Cultrix. 1993.

**Pierrakos, Eva. O caminho da autotransformação.** Editora: Cultrix. 1990.

**Pinheiro, Lourdes; Valores Evolutivos Universais;** Epígrafe Editorial e Gráfica; Foz do Iguaçu, PR; 2015.

**Powell, John. Por que tenho medo de lhe dizer quem sou?** Crescer; Belo Horizonte, MG; 1996.

**Rampersad, Hubert. Balance Scorecard Pessoal:** o caminho para a felicidade individual, integridade pessoal e eficiência organizacional. Qualitymark; Rio de Janeiro, RJ; 2012.

**Razera, Graça. Hiperatividade Eficaz: Uma Escolha Consciente –** um estudo conscienciológico sobre o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade infantil – TDAH. 2ª Edição. Foz do Iguaçu-PR: Associação Internacional Editares, 2008.

**Ribeiro, João. Precisa-se de matéria prima para mudar o país.** Disponível em: <http://joaoubaldoribeiro.blogspot.com.br/>. Acesso em 18/08/2016.

**Ribeiro, Luciana. Responsabilidade Planetária.** Minuta de verbete da Enciclopédia da Conscienciologia. Comunicação pessoal. 2014.

**Salovey, Peter; Shiyter, David J.. Emotinal Development and Emotional Intelligence:** Educational Implicates. New York: Basic Books, 2000.

**SEBRAE. Educação a Distância – cursos pela internet. Curso D-Olho na Qualidade:** Guia do Participante. Disponível em: <<http://www.ead.sebrae.com.br/hotsite/>>. Acesso em: 16 jan. 2013.

**Sellingan, Martin E. P. Florescer.** Uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem-estar. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2012.

**Schwalbe, Will. O clube do livro do fim da vida.** Objetiva, Rio de Janeiro, RJ; 2013.

**Schultz, Patricia. 1.000 Lugares para Conhecer Antes de Morrer.** Sextante; Rio de Janeiro, RJ; 2006.

**Siamar. Palestra Inteligência Emocional.** Daniel Goleman. DVD 70 min. 2011.

**Silva, Wellington. Projeto de vida. O ser humano integral no controle.** All Print; São Paulo, SP; 2011.

**Takimoto, Nario – Princípios teáticos da Consciencioterapia.** Proceedings of the 4th Consciential Health Meeting. JC Vol. 9. No. 33S. 2006.

**Thorndike, R. K. (1920). Inteligência e seus usos.** *Harper's Magazine*, 140, 227-335.

**Vicenzi, Luciano; Coragem para Evoluir;** 187 p.; Instituto Internacional de Projeção e Conscienciologia (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 2001.

**Vannuchi, Camilo. Cuidado com os burros motivados.** Revista Istoé, Edição 19.10.2005 - nº 1879; Disponível em Acessado em 17/08/2016.

**Vieira, Clara. Priorização evolutiva e auto-organização: Ferramentas de superação da ansiedade.** Conscienciografia apresentada ao comitê-técnico científico como requisito da formação docente em dezembro de 2008. Intercampi Recife, 2008.

**Vieira, Clara. Autoconhecimento e projeto de vida - garantindo a concretização dos votos de fim de ano.** Disponível em: <http://cla essencia.blogspot.com>. Acessado em 26.12.2008.

**Vieira, Clara. Autopesquisa: ferramenta de superação da ansiedade.** Disponível em: <http://cla essencia.blogspot.com.br/2009/05/autopesquisa-ferramenta-de-superacao-da.html>. Acessado em 27.10.2015. Publicado em 2009.

**Vieira, Clara Emilie. Manual Pessoal de Prioridades.** In: Enciclopédia da Conscienciologia. Foz do Iguaçu, PR; 2014. Disponível em: <http://www.tertuliaconscienciologia.org>.

**Vieira, Clara Emilie. Autodiagnóstico equivocado.** In: Enciclopédia da Conscienciologia. Foz do Iguaçu, PR; 2015. Disponível em: <http://www.tertuliaconscienciologia.org>.

**Vieira, Clara Emilie. Reciclagem Pessoal a partir do Trafar da Ansiedade.** *Conscientia*, 19(3): 350-361, j jul./set., 2015.

**Vieira, Clara Emilie. 103 Pílulas de Inteligência Emocional.** 1ª Ed. Recife, 2016.

**Vieira, Waldo. Enciclopédia da Conscienciologia.** Foz do Iguaçu, PR; 2014. Disponível em: <http://www.tertuliaconscienciologia.org>.

**Vieira, Waldo; 700 Experimentos da Conscienciologia;** 1.058 p.; Instituto Internacional de Projeção (IIP), Rio de Janeiro, RJ; 1994.

**Viscott, David. A linguagem dos Sentimentos.** 11ª Ed. São Paulo: Summus Editorial. 1976.

**Viscott, David. Liberdade Emocional.** Deixando o passado para Viver o presente. São Paulo: Summus, 1998

**Young, Jeffrey. Terapia do Esquema.** Guia de técnicas cognitivo-comportamentais

inovadoras. Porto Alegre: Artmed, 2008.

**Weil, Pierre e Tompakom. Roland. O Corpo Fala** 38ª Edição. Editora: Vozes. 1995.

**Weisinger, Hendrie. Inteligência Emocional no Trabalho.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

**Williams, Mark e Penman, Danny. Atenção Plena. Mindfulness. Como encontrar a paz em um mundo frenético.** Sextante, Rio de Janeiro, RJ. 2015.

**Xavier, Ricardo. Balanço de carreira de final de Ano.** Revista Você S/A. Edição 138. 2009.

**Zeigler, Ken. Como se tornar mais organizado e produtivo.** 24 Lições para estabelecer metas, definir prioridades e gerenciar seu tempo. Rio de Janeiro: Sextante, 2007.

## APÊNDICES

Este teste foi criado pelo Psicólogo Daniel Goleman

### **TESTE: QUAL SEU NÍVEL DE INTELIGÊNCIA EMOCIONAL?**

Pessoas com altos níveis de inteligência emocional conseguem criar e manter relacionamentos significativos, lidar com as situações difíceis de forma calma e eficiente e são bem mais resilientes frente às adversidades. Por isso, este é um traço indispensável para obter sucesso na carreira.

Qual seu nível de inteligência emocional? E como desenvolvê-la ainda mais? Descubra com este teste do na Prática!

### **INSTRUÇÕES**

A precisão do resultado depende da sua sinceridade. Então, responda cada pergunta com base em como você realmente é, e não em como gostaria de ser.

### **PERGUNTAS**

**1. Você sabe identificar as emoções que sente?**

Sempre Frequentemente De vez em quando Raramente

Nunca

**2. Você sabe se acalmar quando se sente inquieto ou chateado?**

Sempre Frequentemente De vez em quando

Raramente Nunca

**3- Você define metas a longo prazo?**

Sempre Frequentemente De vez em quando Raramente

Nunca

**4. Você procura entendimento mútuo nas questões?**

Sempre Frequentemente De vez em quando Raramente

Nunca

**5- Você é um bom ouvinte?**

Sempre Frequentemente De vez em quando Raramente

Nunca

**6- Você persiste na busca por seus objetivos, apesar dos obstáculos?**

Sempre Frequentemente De vez em quando Raramente

Nunca

**7- Você consegue admitir facilmente que cometeu um erro?**

Sempre Frequentemente De vez em quando Raramente

Nunca

**8- Você sabe suas qualidades e defeitos?**

Sempre Frequentemente De vez em quando Raramente

Nunca

**9- Você promove conversas difíceis para resolver problemas?**

Sempre Frequentemente De vez em quando Raramente

Nunca

**10- Você tenta enxergar as situações pela perspectiva dos outros?**

Sempre Frequentemente De vez em quando Raramente

Nunca

**11- Você tem ânimo para atingir seus objetivos?**

Sempre Frequentemente De vez em quando Raramente

Nunca

**12- Você consegue pensar claramente quando está sob pressão?**

Sempre Frequentemente De vez em quando Raramente

Nunca

**13- Você utiliza as críticas para crescer?**

Sempre Frequentemente De vez em quando Raramente

Nunca

**14- Você acha fácil ler as emoções dos outros?**

Sempre Frequentemente De vez em quando Raramente

Nunca

**15- Você lida com pessoas e situações difíceis com delicadeza?**

Sempre  
Frequentemente De vez em quando Raramente  
Nunca

**16- Você se orienta pelos seus valores e objetivos?**

Sempre Frequentemente De vez em quando Raramente  
Nunca

**17- Você supera facilmente o sentimento de frustração?**

Sempre Frequentemente De vez em quando Raramente  
Nunca

**18- Você reconhece como seu comportamento afeta os outros?**

Sempre Frequentemente De vez em quando Raramente  
Nunca

**19- Você consegue ouvir sem julgar?**

Sempre Frequentemente De vez em quando  
Raramente Nunca

**20- Você presta atenção aos seus relacionamentos?**

Sempre Frequentemente De vez em quando Raramente  
Nunca

**PONTUAÇÃO**

- Cada “Sempre”: +5 pontos
- Cada “Frequentemente”: +4 pontos
- Cada “Ocasionalmente”: +3 pontos
- Cada “Raramente”: +2 pontos
- Cada “Nunca”: +1 ponto

**PILARES**

O psicólogo Daniel Goleman, autor de *Inteligência Emocional* (1995) e de outras obras prestigiadas sobre o tema, desenvolveu uma estrutura de cinco pilares que são a base da inteligência emocional: • **Autoconsciência (perguntas 1, 8, 13 e 18)**  
– capacidade de reconhecer as próprias emoções • **Autorregulação (perguntas 2,**

**7, 12 e 17)** – capacidade de lidar com as próprias emoções

- **Automotivação (perguntas 3, 6, 11 e 16)** – capacidade de se motivar e de se manter motivado
- **Empatia (perguntas 4, 10, 14 e 19)** - capacidade de enxergar as situações pela perspectiva dos outros
- **Habilidades sociais (perguntas 5, 9, 15 e 20)** – conjunto de capacidades envolvidas na interação social

Mesmo que você tenha as capacidades que fundamentam a inteligência emocional, é importante procurar oportunidades para desenvolvê-las ainda mais. Isso aumentará seu potencial de liderança e melhorará a qualidade de todos os seus relacionamentos – inclusive profissionais.

## **RESULTADOS**

### **20-39 pontos:**

Você precisa trabalhar para desenvolver sua inteligência emocional. Apesar de sua sinceridade ser admirável, é provável que você se sinta sobrecarregado por suas emoções e lute para gerenciar emoções. Reagir a isso, explodindo, ou, pelo contrário, não expressando suas emoções, é igualmente prejudicial.

Suas respostas às pressões comuns da vida podem estar baseadas no medo e na insegurança - em vez de paixão e propósito. No entanto, isto não precisa ser algo definitivo! A inteligência emocional não vem do nascimento: ela pode ser desenvolvida.

Trabalhe sua autoconsciência, porque ela é o primeiro fundamento da inteligência emocional. Se parece muito difícil, não hesite em pedir ajuda para quem você considera ter muito conhecimento relacionado a oferecer. A intenção de desenvolver a inteligência emocional é o primeiro – e mais importante – passo.

### **40-59 pontos:**

Seu nível de inteligência emocional ainda é um pouco baixo. Você tem mais dificuldade nas situações que exigem mais habilidades de interação social. É provável que se sinta frequentemente frustrado com colegas, ou até entes queridos por ter um “amortecedor” para lidar com situações e relacionamentos difíceis menos desenvolvido.

Comece a trabalhar o autoconhecimento. Entenda quais habilidades são mais difíceis para você - pode ser a empatia, receber críticas, ou social skills básicas - e pratique-as. Olhe também para o que você já faz de bom e procure entender como consegue, para aplicar seus métodos bem-sucedidos aos novos aprendizados.

### **60-79 pontos:**

Bom nível de inteligência emocional. É bem provável que você seja sensível às emoções dos que estão ao seu redor - colegas, amigos, familiares e clientes. Você também tem consciência sobre o efeito do seu comportamento nos outros.

Enquanto ser adepto a colocar as outras pessoas e suas necessidades a frente das suas é algo admirável, nem sempre é o melhor a se fazer. Não tenha medo de se comunicar honestamente e mostrar seus sentimentos, desde que com habilidade. Este é um dos aspectos mais importantes para desenvolver a inteligência emocional.

**80-100 pontos:**

Se seus resultados estão neste intervalo, há duas possibilidades: ou você tem um nível de inteligência emocional extremamente alto, ou baixíssimo.

Como isso é possível? Esses resultados podem refletir elevado grau de autoconhecimento - neste caso, ótimo! Mas não pare de buscar oportunidades de aprendizado. Ou, pelo contrário: podem ser consequência de uma grande falta de autoconhecimento, porque é preciso ser autoconsciente para se avaliar com precisão.

A autoconsciência é a capacidade fundamental da inteligência emocional, porque ela reflete diretamente nas outras. É preciso ter noção sobre si próprio para mudar qualquer comportamento. Então, ou você chegou ao topo, ou tem um longo caminho pela frente.

**Presidência da República**  
**Secretaria-Geral**  
**Subchefia para Assuntos Jurídicos**  
**LEI Nº 13.935, DE 11 DE DEZEMBRO DE 2019**

Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu promulgo, nos termos do parágrafo 5º do art. 66 da Constituição Federal, a seguinte Lei:

Art. 1º As redes públicas de educação básica contarão com serviços de psicologia e de serviço social para atender às necessidades e prioridades definidas pelas políticas de educação, por meio de equipes multiprofissionais.

§ 1º As equipes multiprofissionais deverão desenvolver ações para a melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem, com a participação da comunidade escolar, atuando na mediação das relações sociais e institucionais.

§ 2º O trabalho da equipe multiprofissional deverá considerar o projeto político-pedagógico das redes públicas de educação básica e dos seus estabelecimentos de ensino.

Art. 2º Os sistemas de ensino disporão de 1 (um) ano, a partir da data de publicação desta Lei, para tomar as providências necessárias ao cumprimento de suas disposições.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 11 de dezembro de 2019; 198º da Independência e 131º da República.

JAIR MESSIAS BOLSONARO